UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00273665 0

BRIEF
PN
0003350

(Sec 3-Est 11-Prt 8 B)

SYLVIO ROMÉRO, 1851-1914

PASSE RECIBO

(Réplica a Theophilo Braga)

Publicação prefaciada e dirigida

POR

AUGUSTO FRANCO

« *A questão particular, que*
« *debato com o sr. Theophilo*
« *Braga, em nada altera a alta*
« *sympathia que voto á nobre*
« *Nação Portugueza.* »

(DO AUTOR)

BELLO HORIZONTE

IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAES

1904

Brief
PN
0003350

DUAS PALAVRAS (*)

O estudo aprofundado e longo, que tenho feito das obras do eminente polygrapho brasileiro dr. Sylvio Romêro, um dos mais notaveis representantes das letras nesta parte da America, tem-me despertado o desejo ardente de esboçar, embora a traços ligeiros, um pequeno ensaio apreciativo systematizado sobre esse grande vulto da nossa intellectualidade.

Faltam-me, porém, desafortunadamente para mim, os instrumentos necessarios de analyse, investigação e comparação para esse tentamen difficillimo, que envolveria precisamente o estudo coordenado e concatenado do movimento mental brasileiro durante os ultimos trinta annos, que tantos ou mais conta de luctas e trabalhos o illustre escriptor e culminante scientista no campo das letras nacionaes, no theatro das nossas mais altas conquistas literarias.

Já se disse delle esta verdade, que se attribúe a G. Monod, falando de Ernest Rénan:

(*) Este prefacio foi publicado em opusculo dedicado «á memoria de Rocha Lima, joven e mallogrado critico cearense, autor do brilhante volume *Critica e Literatura*, e fallecido aos 23 annos de edade». Mereceu então da imprensa inteira de Minas, de jornaes do Rio, S. Paulo, Bahia e outros Estados os mais francos elogios, visando as apreciações feitas elevar ainda mais o vulto culminante de Sylvio Romero.

« Sua obra é tão consideravel e variada, sua erudição tão vasta, os assumptos aos quaes se referiram as suas pesquizas e o seu pensamento são tão diversos, que fôra mister, para se poder falar delle condignamente, possuir uma sciencia egual á sua e um espirito capaz, como o seu, de abraçar todos os conhecimentos humanos, toda a natureza e toda a historia. »

E' exactamente o meu caso em relação a Sylvio Roméro, que admiro e idolatro, com quem estudo e apprendo, mas de quem não tenho competencia para falar com a superioridade de vistas requerida pela suprema posição que elle occupa no mundo das idéas, pela complexidade e variabilidade scientifica de seus gigantescos trabalhos.

Entretanto, o enthusiasmo sinceramente admirativo, que nutro pelo Mestre, tem-me conduzido á ousadia de externar sobre elle as minhas opiniões e conceitos desautorizados, os quaes, em avultada somma, andam por ahi em livros, opusculos e artigos de imprensa, alguns de caracter francamente polemistico. (*)

Sacrosantas hão sido, no meu julgar, as pelejas vermelhas, em que me tenho envolvido com ardor por causa do Mestre, um dos homens mais vil e miseravelmente combatidos nesta terra, onde, para muitos, só os nullos e imbecis possuem valor.

O preclaro historiadar allemão Leopoldo Ranke dizia que os ataques do protestantismo contra a

---

(*) Vejam-se os meus volumes *Ensaios Literarios*, *Linhas de Critica*, *Estudos Ligeiros*, *Breve Resposta* e outros.

Dos diversos diarios e periodicos, de que tenho sido redactor ou collaborador, consulte-se sobretudo o *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fóra.

fé religiosa da egreja romana apenas serviam de augmental-a cada vez mais, de lhe infundir uma vida nova e mais forte.

Si me permittem a comparação, avançarei que os golpes vibrados contra Sylvio Roméro por seus invejosos inimigos e adversarios equivalem a outros tantos meios com que esse nobre e valoroso espirito ha dilatado o plano de sua actividade, a orbita immensa e infinita de suas energias nos torneios brilhantes da intelligencia.

Como quer que seja, no emtanto, o indiscutivel é que, analysada longa e demoradamente por muitos escriptores, não só em livros inteiros, sinão tambem em milhares de extensos artigos de jornaes e revistas, a personalidade literaria de Sylvio Roméro vai subindo progressivamente, tornando-se, dest'arte, intangivel aos pequeninos botes da critiquice mesquinha e pulha.

Entre os demorados estudos feitos sobre a sua possante individualidade, uns demolidores, constructores outros, se destacam os de Araripe Junior, Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua, Eunapio, Deiró, Capistrano de Abreu, Sousa Bandeira, Martins Junior, José Verissimo, João Ribeiro, Valentim Magalhães, Medeiros e Albuquerque, conselheiro Lafayette Pereira, Bruno Sampaio, Viveiros de Castro, Tobias Barreto, Frota Pessôa Dunshee de Abranches, Garcia Mérou, Magalhães de Azeredo, Fran Paxeco, Laudelino Freire, Antonio Salles, Augusto Franco e muitos outros, quer nacionaes, quer extrangeiros. (*)

(*) No torpissimo artigalhão, que contra mim rascunhou o atoleimado e parvo Fran Paxeco, e a que dou ligeira resposta no final deste volume, o truão boçal e nescio critica asnalmente ter eu posto meu nome entre os que têm estudado Sylvio Roméro e haver chamado ao escriptor portuguez

Nunca se viu maior desencontro de apreciações, as quaes, bem observadas, dariam ensejo a um excellente estudo de critica comparativa.

Aliás, o genero não seria novo, e já foi explorado com vantagem por um publicista francez de merito, o sr. Edmond Pillon, autor de um livro intitulado — *Essais de critique comparée*, que recolhe as mais desencontradas opiniões, os juizos mais oppostos e contradictorios externados por diversos homens de letras a proposito de outros.

E' assim que Theophile Gautier considera Charles Baudelaire um poeta extraordinario, ao passo que Ferdinand Brunetiére o acha simplesmente insupportavel. Para o sr. Mauclair, Stephane Malarmée é o maior poeta conhecido; para Lamaitre, o mais oco e aspero.

Paul Verlaine é sublime, no dizer de Anatole France; é menos de mediocre, no pensar de Laurent Traillade.

Quando Victor Hugo morreu, um critico o zurziu assim: « Deixou de existir ha 30 minutos, mas estava louco desde 30 annos ». « Um verdadeiro genio », exclamava do morto Ernest Rénan.

Houve um zoilo, que appellidou Bossuet « sermonista intoleravel »; outro o consagrou « o mais solenne e eloquente orador sacro ».

Um censor, para quem Pascal nunca foi sobrio, considerou « grosseira » a ironia de Voltaire, e « amarella » a verve de Rabelais. Para outro censor, que proclamava a « invejavel sobriedade de Pascal », o ironismo voltaireano era « sublimado », e o espirito de Rabelais « exuberante ».

José Pereira Sampaio *Bruno Sampaio* !!... Que paspalhão idiota ! A primeira censura só é propria de um palerma. Quanto á segunda, não percebeu o emparvoecido jogral que eu quiz, muito de caso pensado, viciar o nome do monstruoso autor do borrão *Brasil mental*, fundindo-lhe o pseudonymo com o ultimo cognome ? Ah ! pateta !...

Boileau e La Harpe brindaram a Shakespeare com o mimoso titulo de « buffão ». « O maior genio da poesia tragica », vociferava Ch. Castinau.

Emquanto Alexandre Dumas Filho e Francisque Sarcey esbordoavam a Leconte de Lisle, chamando-lhe « pobre homem, cujos poemetos só cantavam cobras e lagartos », Catulle Mendès e José Maria Heredia tinham que elle era o « sacerdote magno da Arte ».

De Alfonse Daudet disseram Jean Moréas e Charles Maurice: « Está abaixo de todos os mais. E' um cretino. » Para outros, como Jeffroy e Huret, o autor de *Tartarin* « é o deus supremo das letras, o deus da graça moderna», ou «principe do engenho, sem par entre os contemporaneos ».

Segundo Larroumet, François Coppée « é um grande poeta » ; consoante Remy de Gourmont, «um cancioneiro, *apenas* estimavel », e nada mais.

Si, para van Bever, Ville Griffon é « um perfeito poeta », para Octave Mirbeau não passa de « um perfeito imbecil ».

O mesmo Mirbeau tem como « pobre criança balbuciante» ao poeta Francis James, a quem Paul Fort qualifica de « artista admiravel ».

E comprehenda-se uma critica desta ordem...

No Brasil dá-se a mesma cousa, como em toda parte, como em todas as épocas.

Para muitos, como para mim, Tobias Barreto foi um sabio ; para outros, como o illustre sr. conselheiro Lafayette Pereira, apenas « um exquisitão de algum talento ».

Machado de Assis é um genio para o sr. Medeiros e Albuquerque ; um epileptico, para alguns novos escriptores.

Dizem uns que Arthur Azevedo é inimitavel como chronista e maravilhoso como fazedor de

contos; affirmam outros que, no primeiro caso, é medalhão, e, no segundo, asnatico, intragavel.

Sylvio Romêro, para a maioria, é um dos primeiros homens de letras brasileiro; não falta quem o considere quasi sem valor, como Valentim Magalhães e o citado conselheiro Lafayette.

Já alguem appellidou o sr. Araripe Junior o mais elegante e attiço dos escriptores nacionaes; desageitado e tateante é elle para muitos.

E' o estylo do sr. José Verissimo prolixo, diffuso e verboso para um grande numero; amaneirado, conciso e mesmo synthetico para não poucos, entre os quaes Magalhães de Azeredo.

Um *novissimo* escreveu, certa vez, que Coelho Netto era um tolo, um bobo alegre; um *noverrimo*, que elle personifica o mais imaginoso e attrahente dos escriptores nossos.

Ruy Barbosa, si, para muitos, é genial, para outros não vai além de um pedante, de um arranjador de phrases sonoras ou vedras, archaicas e vasias, cujos effeitos auditivos calcula de antemão.

E por ahi adeante. A partir dos escriptores de valor médio para cima, não contando, portanto, os que estão abaixo de mediocres, sobre todos se têm manifestado as mais antagonicas apreciações, os juizos mais fundamentalmente oppostos.

Entre os da chamada *Nova Escola*, então, é uma lastima.

Forjam-se genios mutua e facilmente, ou se fabricam burros reciproca e tambem facilmente. Assim como se descortinam vôos de aguias e de condores, do mesmo modo se lobrigam pulos de sapos e vegetação de *cogumelos brancos*, como di-

ria finamente o illustrado escriptor e polemista mineiro João Massena. (*)

Pois é a uma critica destas que está sujeito o grande espirito de Sylvio Romêro, comquanto varios trabalhos serios, embora incompletos e fragmentados, tenham já apparecido a seu respeito.

Attribue-se a Spinoza este bello conceito, que o meu prezado amigo e lucido escriptor Pethion de Villar affirma dever servir de *viatico a todos os criticos*:

« Man muss die menschlichen Dinge nicht *beachen* und nicht *beweinen*, man muss SIE VERSTEHEN. »

Eis ahi uma divisa, que devêra constituir o escudo dos que se entregam ao desempenho do criticismo, ao mistér das analyses literarias.

Com effeito, pensa bem Spinoza aconselhando que se não deve nem *rir* nem *chorar* das cousas humanas, mas sim COMPREHENDEL-AS.

O mesmo pensamento já o teve mais ou menos Clémence Royer, quando asseverou:

« Il ne suffit plus d'affirmer des hypothèses, mais de *les prouver*: de dire que *les choses sont let agissent*, MAIS COMME ELLES SONT ET AGISSENT. » (*)

Fôra este o conceito dominante na critica brasileira, e Sylvio Romêro já teria logrado um julgamento mais completo, mais digno do escriptor eminente que possuimos.

Mas, não: desastradamente, não! Ninguem mais do que elle ha sido victima dos choques de opiniões.

(*) No precioso livro de Spencer *Factos e commentarios* (*Facts and comments*), ha um bello capitulo a tal respeito, intitulado — *Julgamento dos homens* (ps. 90-3).

(*) *La critique philosophique*, p. 229.

Talvez por isso mesmo ninguem ha tambem galgado mais alta posição no seio da literatura patria. Seria, porventura, occasião de repetir-se o dictado popular, de que—*ha males que vêm para bem*.

As mesmas vicissitudes por que tem passado Sylvio Roméro, na sua longa jornada pelas letras, estamos todos, que labutamos com a penna, mais ou menos subordinados, guardadas as proporções devidas.

Eu mesmo, obscuro e humilde, tenho sido alvo dessas agruras.

Como critico — si tamanha fosse a minha pretenção... — um dos meus adversarios, pobre microbio literateiro, me denominou *typo arrogante e alvar!...*

E outros perversos animalejos me têm brindado com adjectivos ainda peiores. Ao passo que assim me assaltavam os meus pifios inimigos, um publicista escrevia a meu respeito:

«L'opinion d'Augusto Franco a une grande valeur critico-littéraire: c'est un Jeune qui a beaucoup lu et étudié et possède un excellent coup d'œil synthétique. Il sait harmoniser la logique d'un Taine à l'impressionisme d'un Jules Lemaitre.»

Registro aqui o facto apenas como prova de que, até sobre os obscuros, como eu, as opiniões são divergentes.

Não haveria, portanto, de ser com relação a Sylvio Roméro que ellas se não manifestariam em todo o seu arrojo, na plenitude maxima de sua intensidade.

Ao lado dos que combatem sem treguas o valente pensador brasileiro se collocou um tal sr. Fran Paxeco, nullissimo calcêta letrado, autor de um famoso canhamaço de nome—*O Sr. Sylvio Roméro e a literatura portugueza.*

Fran Paxeco (ou Francisco Pacheco), em linguagem de senzala, num vocabulario repellente e nojento, num estylo de descomposturas de *a pedidos* em imprensa sem criterio, procura, vãmente embora, salpicar de lama e lodo a reputação literaria, não sómente de Sylvio Roméro, alvo principal de seus miseraveis odios, mas egualmente de Tobias Barreto, Araripe Junior, Clovis Bevilaqua, José Verissimo, Joaquim Nabuco e outros notaveis campeões da nossa literatura.

Ora, aggredir assim garotamente a vultos tão brilhantes das letras brasileiras, com termos amolecados, num palavreado grosseiro e atrevido, proprio de lupanares, é desprezivel miseria, a que ninguem tenta responder. Quem tiver a coragem de um medico, que autopsía friamente um cadaver podre, leia a verrina de Fran Paxeco, assim como li—porque o critico tem, ás vezes, necessidade de fazer de medico. Já o affirmava Sainte-Beuve, cognominado *le père des critiques*, e que era doutor em sciencias medico-cirurgicas.

Por isso mesmo, nem Sylvio Roméro, nem qualquer outro dos canalhamente insultados por Fran Paxeco, lhe respondeu as chalaças, nem lh'as responderá jámais, porque, aqui, se não dá *pasto*...

No fim do folhudo canhamaço fran-paxequeano, porém, como uma especie de appendice, se lê uma carta do dr. Theophilo Braga, o celebre escriptor portuguez, com quem já tive, tambem eu (que honra para mim!...), pequeno encontro, a proposito do conhecido publicista e jornalista lisboeta dr. Zeferino Candido, um dos acerrimos inimigos do sr. Braga.

A essa carta, que se oppõe ao vibrante opusculo *Uma esperteza*, de Sylvio Roméro, é que o nosso illustre compatricio dá cabal resposta, esmagando, por uma vez, o que o professor ilhéo delle dissera malevolamente.

E' neste vigoroso pamphleto—*Passe Recibo* que se manifesta mais uma das multiplas faces do talento protheiforme do nosso invencivel polemista, talento que se ha subdividido nos seguintes departamentos de actividade mental: poesia, critica, philosophia, direito, politica, *folk-lorismo*, biographia, historia, ethnographia, oratoria, pedagogia, descriptiva, publicistica geral, jornalismo, sociologia, humorismo e outros ramos diversos da força intellectiva do homem.

Encontra-se a prova desse asserto, que ninguem desconhece, para que eu esteja a comproval-o em longas explanações, nos seus quarenta e muitos volumes intitulados:

—*Historia da literatura brasileira* (2 ts.);
—*Ensaios de sociologia e literatura*;
—*O elemento portuguez no Brasil*;
—*Viagem á Europa*;
—*A verdade sobre o caso de Sergipe*;
—*O Vampiro do Vasa-Barris*;
—*O antigo direito em Hespanha e Portugal*;
—*Passe recibo*;
—*Pedagogia e literatura*;
—*Historia do direito nacional*;
—*Poemas da evolução*;
—*Discursos*;
—*Provocações e debates*;
—*Parnaso sergipano*;
—*Vista synthetica da literatura brasileira*;
—*A philosophia no Brasil*;
—*Cantos do fim do seculo*;
—*A literatura brasileira e a critica moderna*;
—*Cantos populares do Brasil* (2 ts.);
—*Introducção á historia da literatura brasileira*;
—*Ensaios de critica parlamentar*;
—*Ultimos harpejos*;
—*Valentim Magalhães*;
—*Uma esperteza*;

—*Estudos sobre a poesia popular*;
—*O Duque de Caxias*;
—*Amor et dolor meus*;
—*Ethnologia selvagem*;
—*O naturalismo em literatura*;
—*Interpretação philosophica da Historia*;
—*A philosophia e o ensino secundario*;
—*Organização republicana*;
—*Luiz Murat*;
—*Cantos do fim do seculo*;
—*Contos populares do Brasil*;
—*Ethnographia brasileira*;
—*Livro do Centenario*;
—*Historia do Brasil*;
—*Parlamentarismo e presidencialismo*;
—*Estudos de literatura contemporanea*;
—*Novos estudos de literatura contemporanea*;
—*Doutrina contra doutrina* ou *O positivismo e o evolucionismo no Brasil*;
—*Martins Penna*;
—*Machado de Assis*;
—*Ensaios de philosophia do direito*;
—*Prefacio a varios livros*; e
—*Artigos diversos* (em jornaes e revistas).

Nessa extensa enumeração dos trabalhos, em volume, de Sylvio Romêro (dos quaes uns tres ou quatro ineditos ainda), não guardei, nem a ordem de distribuição das materias, nem a ordem chronologica.

Enumerei-os englobadamente, pois o meu fito não é analysal-os um por um. Esse officio, si para tanto tiver eu forças, será desempenhado no ensaio geral, que pretendo opportunamente esboçar em pallidos bosquejos, para ser posto como prologo ao livro— *O antigo direito em Hespanha e Portugal*. Corresponderei, assim, e em tempo, ao gentilissimo convite do Mestre, que allia a uma assombrosa capacidade mental as mais affectivas qualidades de coração, as mais polidas virtudes como amigo.

Mas, quaes serão os processos criticos, de que lançarei mão para estudar Sylvio Romêro? Qual o methodo a seguir nesse difficillimo encargo? Qual o meu guia nesse caminho intricado?

Quaesquer que sejam os differentes processos de critica literaria sob o ponto de vista scientifico, elles se resumem e se condensam nos tres principaes seguintes: esthetico, sociologico e psychologico.

Em todos os tres, a analyse deve ser theorica e pratica, devendo egualmente ser estudados os factos geraes e os particulares, afim de que do conjuncto das observações procedidas sobresáia a somma favoravel ou desfavoravel ao autor da obra de arte.

No exercicio desses methodos entram de muito as sciencias connexas ou affins ao processo pelo qual se tem em mira commentar o escriptor e o escripto.

Scientistas e pensadores ha que, entretanto, estipularam um quarto systema de critica artistica: o da esthopsychologia. Não sei até que ponto poderá parecer exequivel similhante systema de apreciação literaria.

Dos varios processos acima exarados o que se me afigura mais notavel é o sociologico. Taine, o grande, o inimitavel Taine, é o seu maior paladino.

A todos quantos conhecem o eminente analysta francez, não será, certamente, extranha a sua bellissima theoria sociologica em materia de critica.

Quem haja lido, meditada e calmamente, as suas extraordinarias obras *Histoire de la littérature anglaise*, *Essais de critique*, *Nouveaux essais de critique*, *Philosophie de l'Art*, *Essais sur Tite Live*, *Essais sur Lafontaine* e outros sobre tal assumpto, não póde deixar de ter, conhecendo tambem os demais processos mencionados e comparando-os cuidadosamente, a impressão forte da superioridade manifesta e palpitante do systema *tainista*.

Taine estabeleceu que « l'œuvre d'art dépend de l'ensemble social dont elle est contemporaine et son auteur de l'ensemble nacional dont il faisait partie ».

Elle procura demonstrar tambem, e o faz admiravelmente, que « tout écrivain et tout artiste considerable porte dans son œuvre la trace des facultés marquantes de sa race, des caracteres saillants du pays, de l'époque, des mœurs qui l'ont formé, et on peut, ainsi, remonter de l'œuvre à l'auteur et de celui-ci à la societé et la nacion dans lesquelles il a vécu».

Duas causas conduzem a esse resultado polyforme, as quaes vêm a ser:

1.° — a hereditariedade, que faz todo homem participar dos caracteres de seus antecedentes, estes dos de seus, e assim por deante (regressivamente, seria mais acertado), através de toda a extensão da raça até ao tronco primévo; e

2.° — a selecção natural, que se opéra entre os artistas e entre as faculdades do artista, por effeito da sua participação de toda situação social, devido á circumstancia de se amoldar elle, ou, pelo menos, procurar amoldar-se ao estado d'alma dos seus contemporaneos, usar da malleabilidade particular do seu espirito para se adaptar ás condições do momento, subordinando-se á influencia irresistivel do meio, como factor poderoso que é das modificações intellectuaes em suas multiplas phases.

O meio chega mesmo a ser uma terceira causa da formação mental do artista e dos seus trabalhos.

Por conseguinte, influencia da hereditariedade, do meio e do *habitat* — eis o que constitue o autor e sua obra sob o aspecto inter-externo.

A theoria do meio physico e social, da raça, do momento, dos antecedentes, da educação, do temperamento, das disposições e tendencias psycho-

logicas se applica, do mesmo modo, á critica historica, na qual os processos de Taine avultam ainda mais.

A analyse esthetica em relação á literatura é, por assim dizer, o estudo das emoções produzidas no leitor por effeito do bello. E o bello, na expressão de Guyau, «est une perception ou une action qui stimule la vie et produit le plaisir par la conscience rapide de cette stimulation générale».

Muitas vezes, ou quasi sempre, a apreciação esthetica é dupla, porque depende do agente e do legente, isto é, de quem produz e de quem lê. Não raro succede que a obra do escriptor é admiravel, mas acontece que a sensibilidade artistica e subjectiva do individuo, a quem ella se destina, é inaccessivel ás bellezas nella contidas.

A observação analytica, então, busca ver de que lado está o motivo do insuccesso ou do successo do trabalho.

E' esse um processo delicadissimo.

A critica psychologica cogita do estado d'alma do escriptor e dos consumidores dos seus productos literarios—dos seus admiradores, ou censores.

Dessa cogitação tira o analysta as particularidades espirituaes do autor e do mundo, que o cérca. Para isso, carece elle de proceder a uma pesquiza psychologica individual e a outra social, ou do conjuncto, ou da multidão, concluindo dahi a relação existente entre uma e outra.

Mas, seja como for, o estudo social está sempre em evidencia, quer se trate da analyse esthetica, ou se tenha em vista a psychologica.

E' precisamente por tal facto que o methodo ou processo sociologico de Taine sobrepuja, a meu ver, os demais, pois estes, em grande parte, dependem delle.

Natural é, pois, que meu guia capital no esboço sobre Sylvio Roméro seja o emerito escriptor.

Entretanto, devo ponderar que ha entre mim e meu velho e venerando amigo, a respeito de Taine, apparente e passageira divergencia, cuja futilidade, todavia, para logo se averigua.

De feito, diz o notavel Mestre da—*Historia da literatura brasileira*:

«O ponto de vista de Taine, que era fundamentalmente o de Sainte-Beuve, e, em grande parte, o de Lessing, está hoje relegado para o canto das cousas velhas, gastas, ultrapassadas.» (*)

Francamente, causou-se extranha admiração a leitura do periodo acima.

Na verdade, seria possivel que Sylvio Roméro, a quem, pela vasta e profunda erudição, pela possante faculdade de penetração critica, pela abrangente largueza de vistas, pela clarividencia e lucidez de espirito extraordinarias, pela inegualavel aptidão com que traceja fortes syntheses e avista os distanciados limites das grandes generalizações no extenso campo das idéas, dos principios scientificos, dos systemas philosophicos, das creações mentaes; pelo modo firme e seguro por que dirige e acompanha a agitada corrente dos phenomenos das sociedades em varias de suas complicadas manifestações; pela comprehensão nitida e clara dos homens, das cousas e dos factos, de suas causas e de seus effeitos; se póde, com justiça e sem nenhum favor, appellidar—o genuino Taine brasileiro: seria então possivel que Sylvio Roméro assim tratasse ao seu illustre collega?!

Mas tudo tem, dentro de certa relatividade, qualquer justificativa. E aquella asserção de Sylvio deve, portanto, ter tambem a sua. Procuremol-a, pois.

(*) *Martins Penna*, p. 51.

A Taine faltou, no pensar do preclaro escriptor brasileiro, a intuição, o conhecimento, o exercicio da « critica *sociologica*, que discute para esclarecer e esclarece para *concluir*». (*)

Sempre tive para mim que Taine foi um critico essencialmente sociologico, e principiei a solidificar essa convicção desde o começo do estudo de suas obras, as quaes, com as de Sylvio, muito têm fortalecido o meu espirito, influindo grandemente em sua direcção, sobretudo no tocante a apreciações literarias. Aos preciosos livros de Zola, Bourget, Hennequim, Nordau e do proprio Sainte-Beuve, nessa especialidade, tambem muito devo.

Para reforçar o conceito de que Taine foi o que expendi linhas acima, encontro esta opinião de autorizado scientista :

« ... est un critique historique, ou, plus exactement, *sociologique*... expose et raconte, généralise et *conclut*...» (*)

E' preciso, porém, considerar-se o seguinte — e é perfeitamente ahi que está a justificativa plena, cabal, irrefutavel, do asserto de Sylvio Romêro — : como, de que maneira concluia Taine? Apontando para o Futuro? Indicando para o Porvir? Não. Limitando-se apenas a lavrar as suas sentenças, superior e abalizadamente, é verdade, mas só em relação ao presente, a que sempre se referiam as suas conclusões criticas.

Sylvio quer — e com todo o bom senso proprio de uma admiravel e sadia organização cerebral — que seja « o alvo, o fim da critica — *esclarecer* e *concluir*, esclarecer a formação das creações literarias e artisticas, e concluir dellas em vista de todas para a direcção do futuro.» (*)

(*) *Op. cit.*, p. 52.
(*) *La critique scientifique*, par Henri Hennequim, ps. 9 et 17.
(*) *Op. cit.*, p. 57.

Sim, senhor. E Taine, é indubitavel, não alcançou de todo esse ultimo fim; pelo que, á sua critica se podem applicar, talvez com menos razão, mas nem por isso sem certa vantagem, estas palavras applicadas á critica de Sainte-Beuve — de quem Taine fôra continuador — pelo sr. Thimotheo Colani: «... elle (*a critica*) n'a, je crois, rien inspiré et, ce qui est plus grave, rien empeché».

Nesse particular, Sylvio Roméro é, por ventura, superior ao philosopho que escreveu — *De l'intelligence*, porquanto a sua penna robusta, vibrante, e, ás vezes, rude e pesada, tem, no Brasil, impedido tenazmente a intromissão perniciosa de erros e falsas doutrinas em as tendencias do movimento scientifico e literario; e suas producções monumentaes têm inspirado e hão de inspirar ainda, á mocidade estudiosa, de talento e luctadora, de nossa Patria, o amor arraigado ao trabalho espiritual, assim como já lhe esclareceram a consciencia da força humana, do poder da vontade individual, do valor de cada um no grande circulo ou na grande esphera da intelligencia.

Sylvio Roméro, tendo feito até hoje o inventario intellectual completo do povo brasileiro durante os 400 annos de nossa existencia, grandioso e gigantesco trabalho, de que nos deu uma synthese maravilhosa no — *Livro do Centenario*, tem, na realidade e sociologicamente, discutido e esclarecido o pensamento nacional de molde a se tirarem dahi conclusões logicas em direcção ao futuro da nossa intellectualidade. Donde se infere que já tem concluido, e apontando para o Porvir.

E', pois, com o espirito da critica sociologica, eminentemente fecunda e, acaso, mais proveitosa do que a puramente psychologica, que o fino analysta brasileiro tem procurado e conseguido estudar a fundo a literatura nacional, reforçadas

as suas pesquizas nas licções e observações ethnographicas.

Com outro não será, portanto, que tentarei traçar o leve e rapido bosquejo promettido sobre sua personalidade e sua obra.

E devorem agora os leitores as paginas de fogo do — *Passe Recibo*, onde o humorista, o discutidor e o combatente se confundem em destemida porfia, querendo cada qual destruir a Theophilo, cuja derrota já se approxima.

Augusto Franco

Bello Horizonte (Minas), julho de 1903.

PASSE RECIBO

I

Depois de treze annos de silencio, que tantos vão de 1887, data em que sahiu a lume o opusculo — *Uma Esperteza*, a 1900, data da resposta do sr. Theophilo Braga, appareceu, finalmente, este senhor a contestar, digo mal, a pretender desculpar o negregado proceder que para commigo teve, quando, na publicação, em Lisboa, dos meus *Contos Populares do Brasil*, entendeu de apoderar-se da *distribuição ethnographica* dos alludidos *Contos* e praticar *varias alterações* no conteúdo da obra.

E ainda, após tão largo lapso de tempo, vem escondido atrás de um guarda-costas, encarregado de tomar-lhe a frente, protegendo-o a elle e atordoando-me a mim com uma saraivada dos mais grosseiros improperios e insultos... Mas perdeu o seu tempo:

a esse malfeitor não responderei, não descerei á lama em que escabuja o infeliz calcêta das letras.

O meu debate é com o sr. Theophilo Braga e só com elle.

A accusação, movida contra o trapalhão açoriano, documentada com provas irrefutaveis, no opusculo citado, nem por sombra foi abalada na publicação recente do literato das Ilhas.

Antes sahe dahi robustecida, porque temos agora a confissão do réo : *reum confitentem habemus.*

E' o que o meu leitor vai ver, si tiver a paciencia de assistir á tosquia do *Joaquim da Terceira*, como é em alguns circulos lisboetas conhecido o insultador posthumo de Antero do Quental.

Vou açompanhar o trefego e petulante paspalhão em todas as suas affirmativas, para que, mais uma vez, fique patente a massa de que são feitos o espirito e o caracter daquella pulhice letrada.

Começa elle :

« Por alguns *compte-rendu* (principia desde aqui, desde as primeiras palavras, a errar) publicados em revistas francezas e italianas (é falso : não enviei a *Esperteza* a revista alguma *italiana*, e das *francezas* apenas ao *Polybiblion*) em 1887, é que soube da existencia do livro do sr. Sylvio Roméro *Uma Esperteza — Os Cantos* e *Contos populares do Brasil e o sr. Theophilo Braga.*

Protesto. Sendo eu accusado, era dever do accusador dar-me conhecimento do seu libello, para defender-me ou justificar-me: não o fez, e com tanto maior aggravo que esse opusculo *pouco circulou no commercio* (como sabe disso o Joaquim da Terceira?). Só em 1900 é que logrei ler *Uma Esperteza*, por favor especial do meu amigo.» (*)

São as primeiras linhas da carta-defesa, enviada por Joaquim ao seu guarda-costas Xico-Xexen.

São uma penca de mentiras e falsidades.

De visu e *evauditu* sei do contrario. De casa do editor do opusculo vi expedir para o correio, a lhe serem enviados, sob registo, não menos de dous exemplares ao accusado, e já ouvi, de ha muito tempo, a diversos brasileiros, vindos de Lisboa, as queixas e lamurias de Braga a elles ditas após a leitura do meu livrinho!...

Nem se comprehende que o Joaquim da Terceira levasse treze longos annos sem ter a curiosidade de conhecer uma publicação contra elle feita, e cujo *compte-rendu* diz haver lido em revistas francezas e italianas.

Por mais escassa que tenha sido a circulação do folheto no mercado e por mais ex-

---

(*) Pag. 191 de — *O sr. Sylvio Romêro e a Litteratura Portugueza*, por Fuão-Xexeu — vulgo *Trem-Paseco*.

traordinaria que seja a hoje classica e popular sovinaria do professor ilhéo (*), não se acredita em tamanha innocencia da parte de um homem dos bofes de Braga, cujo procedimento com Alexandre Herculano e Antero do Quental entra na categoria das maiores vilanias praticadas no seculo XIX nas letras portuguezas...

Não, aquillo não é verdade.

Medroso, covarde, Joaquim esperava occasião azada para ferir-me, e, como só agora julgou havel-a encontrado na garantia do guarda-costas, que, a repetidas instancias, lhe annunciava impingir a droga envolta num livreco, em um pasquim que contra mim preparava, só agora tambem se animou a sahir a terreiro, tanto mais lampeiramente quanto me julgava e julga ainda muito doente, a ponto de ter deixado sem resposta meia duzia de artigos e folhetos de que tenho sido ultimamente objecto... E, como era mister disfarçar a exquisitice de levar *treze annos* (!!) calado, não trepidou em mentir, affirmando a *bróca* de que só agora é que leu *Uma Esperteza* e por presente de *Xico-Xexeu* !!... Mas o Joaquim da Terceira errou o salto; porque na pêta que abre a carta-defesa ninguem acredita.

Passa, em seguida, o massudo e obtuso escriptor a narrar, a seu modo, embrulhando

---

(*) E' corrente em Lisboa, segundo me garantiram, que Th. Braga costuma passar *encaspe* na sola dos sapatos, afim de se não estragarem estes pelo uso... (*Nota de A. F.*).

e obscurecendo factos, como lhe chegaram ás mãos os *Cantos* e os *Contos Populares do Brasil.*

Refere que, em 1882, chegára a Portugal o meu livro *Introducção á Historia da Literatura Brasileira*, de que elle teve um exemplar, por offerta minha, e que, nessa obra, á pag. 55, nota, dizia eu possuir uma collecção dos *Cantos* e *Contos* anonymos brasileiros, *tendo-a por vezes offerecido a livreiros que sempre achára avessos a esse genero de publicações, e por isso a conservava inedita*; diz tudo isto e accrescenta:

«Esta confissão de desalento do sr. Sylvio Roméro não podia passar despercebida para (*despercebida para*!... que lingua!) aquelle que, em 1877, INICIOU (?!!!) *no Parnaso portuguez moderno* a publicação dos *Cantos Populares brasileiros*, entre os quaes vêm a *Xacara do Cego*, a *Xacara de D. Jorge*, a *Xacara da Flores-Bella* e *Lundús*, *Modinhas*, *Chulas* e *Batuques*. Já em 1881 me interessava pelos estudos da tradição poetica brasileira, que descrevo na *Theoria da Litteratura Portugueza*, pags. 57—59, citando a *Revista Brasileira*, pelas suas VALIOSAS informações.

Comprehende-se o empenho de ver que se ia completando a vasta informação das tradições poeticas de Portugal na sua continuação do Brasil; mas este empenho só iniquamente póde *confundir-se com uma especulação mercantil* (e quem o confundiu em relação a Braga?). O livreiro Carrilho Videira, lendo tambem essa nota supracitada, julgou

que era bom ensejo para exercer a sua rasgada iniciativa e offereceu-se *para salvar das traças*, etc.» (*)

Nos periodos citados patentèa-se bem a matreirice do açoriano, do Joaquim da Terceira. Não se esqueceu de notar haver-lhe eu offerecido um exemplar da *Introducção á Historia da Literatura Brasileira* em 1882. Não lhe esqueceu isso ; mas esqueceu-lhe citar a sequidão proposital da dedicatoria ; esqueceu-lhe lembrar que de nenhum outro livro meu anterior ou posterior se lhe fizeram offertas jámais; esqueceu-lhe notar que se lhe poz sob as vistas um exemplar desse livro para se lhe ensinar como se deve escrever a historia literaria de um paiz como Portugal ou Brasil ; esqueceu-lhe mostrar que, nesse e em todos os meus livros anteriores e posteriores, sempre foi o trapalhão dos Açores tratado com o rigor que merece ; esqueceu-lhe recordar a carta em que agradeceu a offerta do livro, na qual dizia *que o havia lido com verdadeiro assombro*!... Esqueceu-lhe tudo isso ; porém, não deixou passar a occasião de, ainda e sempre, revelar-se jactancioso, pueril e futil. Tem a coragem de escrever com todas as letras que foi elle quem, em 1877, INICIOU A PUBLICAÇÃO *dos Cantos populares do Brasil*, com as tres peças citadas que já tinham sido publicadas

---

(*) Pag. 192 de *O sr. Sylvio Romêro e a Literatura Portugueza*, do nojento *Tran-Paseco*.

por Celso de Magalhães, desde 1873, e por *lundús e modinhas e chulas*, que não são, em sua quasi generalidade, populares e anonymas, sinão *poesias pessoaes, cultas, de autores conhecidos e andam todas publicadas* nas innumeras collecções de modinhas e lundús existentes no Brasil!...

E como poderia INICIAR um serviço em que tinha sido precedido, além de Celso, por José de Alencar e Couto de Magalhães, com muito mais saber e maior copia de documentos todos tres do que elle ? !

Diz que, já em 1881, na *Theoria da Litteratura Portugueza*, se interessava pelos estudos de nossa tradição poetica, citando a *Revista Brasileira*, pelas suas VALIOSAS INFORMAÇÕES. Ora, na *Revista Brasileira* daquella época é que, desde 1879, publiquei eu os trabalhos que vieram a constituir o livro que corre sob o titulo de *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira*, de onde o Joaquim da Terceira livrou as VALIOSAS INFORMAÇÕES de que se utilizou na tal *Theoria da Litteratura Portugueza*, e hoje já se julga habilitado a querer, no assumpto, dar-me licções !!...

Finge-se victima, por ser confundido com uma especulação mercantil o seu empenho em ver publicado os *Cantos e Contos Populares do Brasil*, quando de tal cousa não foi accusado, nem elle, nem o livreiro Carrilho Videira. Lêa-se *Uma Esperteza*—e ver-se-á ser Braga accusado, não por querer lucrar mercantilmente, e sim por me haver filado a

classificação ethnographica dos *Contos* e por haver, para o conseguir e disfarçar, praticado varias alterações na obra.

O proprio Carrilho é censurado apenas pela parte indirecta que nisso teve e por varias importunações de missivista desequilibrado...

Mas eis aqui como os factos se passaram, eis a exacta versão:

A Portugal tinha chegado, por offerecimento meu a Braga, o unico volume que para alli fôra enviado, da *Introducção á Historia da Literatura brasileira*, livro de que fui o auctor e editor, e do qual tirei apenas duzentos exemplares.

Braga, que o leu com *verdadeiro assombro*, conforme sua propria expressão, Braga, que admirou o livro, e já me conhecia principalmente pelos estudos sobre nossa poesia popular publicados na *Revista Brasileira*, donde tirou as VALIOSAS INFORMAÇÕES que poz em sua *Theoria da Litteratura Portugueza*, sabendo, por uma nota do livro, da existencia da minha collecção de cantos e contos populares do Brasil, e desejoso de os incluir nas suas publicações *folk-loricas*, dando-os pouco mais ou menos por filhos do proprio esforço, como já tinha feito com os cantos do archipelago açoriano, entendeu de os fazer chegar até a elle: para isso, entendeu-se com o livreiro Carrilho Videira, que elle andava nesse tempo a explorar, tanto que foi por certo a causa principal da quebra e da loucura desse pobre homem, que teve enor-

mes prejuizos em publicar-lhe — *Systema de Sociologia*, *Miragens Seculares*, *Historia do Romantismo*, *Historia Universal*, *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez* etc., entendeu-se, digo, com Carrilho, deu-lhe a ler a famosa nota da *Introducção* e fel-o entrar em relações commigo.

Era isto em 1882; nesse mesmo anno, recebi carta de Carrilho, enviando-me um exemplar das *Vibrações do Seculo*, do sr. Teixeira Bastos (amigalhão do Joaquim da Terceira e por elle protegido), pedindo-me um artigo a respeito do valor desse livro.

Agradeci o presente e não lhe mandei artigo algum, desculpando-me como pude.

Ainda em 1882, nova carta de Videira, acompanhada das *Civilizações Semitas*, do Joaquim da Terceira, e o indefectivel pedido de um artigo sobre o merecimento do livro...

Nessa carta insinuava Carrilho *que modificasse minhas apreciações injustas sobre aquelle incansavel trabalhador, erudito, notavel* e não sei que mais.

Logo ahi eu deveria ter mandado ao diabo Carrilho, Braga, *Civilizações Semitas* e tudo.

Deveria tel-o feito, cortando pela raiz similhantes relações, que me teriam de ser incommodas.

Quiz, porém, ser moderado, quiz condescender, e respondi ainda ao livreiro, agradecendo o exemplar da obra e desculpando-me como pude, por lhe não enviar o artigo solicitado.

Não desanimou o teimoso editor. Ainda em 1882, nova remessa de outro livro e novo pedido de um artigo a respeito. Desta vez era a *Historia do Romantismo em Portugal*, do famigerado Joaquim da Terceira.

De novo agradeci o livro e, quanto a artigo, nada!

Vá notando o leitor: si eu realmente ligasse importancia a Braga, não entraria em relações directas com elle? não acceitaria, pressuroso, o convite para escrever os tão solicitados, pedidos, rogados artigos a seu respeito? Certamente. Entretanto, nada de mover-me, nada de artigos, nada de estudos a respeito do pantafaçudo paspalhão.

Limitava-me e limitei-me sempre, nas respostas a Carrilho, procurando, como era meu dever de polidez, ser-lhe agradavel, a phrases banaes, que nunca se tomam ao pé da letra, a doces desculpas, que, no estylo epistolar, reservado, são um resto, um *survival* das relações cerimoniaes primitivas, quaes são as phrases finaes de toda carta entre nós, *taes como de v. exc. attento, criado, muito obrigado*, — ou —*servo humilde e reverente*, e outras de egual jaez, que só um tolo inqualificavel tomará ainda no sentido literal.

Pois bem. Como se terá de ver mais adiante, o Joaquim da Terceira apoderou-se, mais tarde, das cartas particulares, pessoaes, escriptas a Carrilho, cartas que não eram a elle Joaquim dirigidas, cartas com que elle nada tinha que ver, que não eram suas, que lhe

não pertenciam, e, abusando do estado mental do pobre louco, fez-se senhor dellas e andou a catar-lhes aqui e alli trechos e a publical-os, no intuito de provar aos tolos e palpavos que lhe eu em tempo ligára importancia!.... Sempre esse perverso insultador de Antero do Quental teve desses irregulares procedimentos!...

Mas continue-se a narrativa.

Ainda em 1882, recebi nova carta de Carrilho Videira, e desta vez vinha acompanhada de uma de Joaquim da Terceira. Pediam-me ambos que lhes enviasse os trabalhos que dizia possuir de litteratura popular brasileira para elles publicarem. Era tal o persuasivo tom dos dous que lhes enviei a papelada, que deveria dar tres volumes, a saber: 1 — de *Critica e apreciação theorica* (era a parte doutrinaria por mim publicada na *Revista Brasileira* que forneceu a Braga as VALIOSAS INFORMAÇÕES): 1 — de *Cantos*; e 1 de *Contos*.

Uma vez lá esse material de tres volumes, que fizeram meus suppostos amigos?

Trataram logo de pôr de lado o volume de *Critica e apreciação theorica*, para que não apparecesse alli o meu pessoal modo de interpretar a nossa litteratura popular e mais desassombradamente pudesse o Joaquim da Terceira, conforme seu velho costume, incorporar o meu trabalho ás suas proprias collecções. Trataram, em seguida, de juntar prologo e notas aos *Cantos* e *Contos*, *cousa de que me não tinham falado nas cartas*

em que me pediram os materiaes! Trataram, depois, de forçar o meu volume dos cantos a transformar-se em dous, puxando-se, para isso, pelas notas e prologo, demasiado extensos, juntando-se-lhe a famosa *Decima grande do Firmamento*, que nada tem de popular, sinão para um ignorante, como Braga, e repetindo-se paginas inteiras typographicas das *quadrinhas* do Rio Grande do Sul, colligidas alli, propositalmente para me serem enviadas, pelo meu amigo Carlos de Koseritz. Com todas estas maculas appareceram em 1883 os *Cantos*, veja bem o leitor, os *Cantos* e não os *Contos*.

Não gostei de taes artimanhas, como tive ensejo de dizer em carta ao sr. Leite de Vasconcellos, que me censurára publicamente, pela imprensa, exactamente por esses disparates praticados, não por mim, sinão pelos meus suppostos amigos de Lisboa. Todavia, nada disse ao publico. Si fossem os dous outra casta de gente, teriam honradamente assumido a responsabilidade do que por elles tinha sido praticada... porém, qual! não eram homens para isso! Metteram-se nas encolhas, e eu é que tive de me explicar perante o sr. Leite de Vasconcellos.

O Joaquim da Terceira não contesta que foi em Lisboa que se resolveu pôr *notas e prologos* aos meus cantos e contos; não contesta que foi alli que se introduziu a *Decima grande do Firmamento*: que foi alli que se entendeu *dividir em dous* o volume dos *Cantos*.

Não o contesta, nem materialmente o podia. Contesta, porém, que fossem elles que tivessem repetido propositalmente as quadrinhas do Rio Grande do Sul.

Mas isto é mentira de Joaquim; e, para proval-o, basta notar que as repetições são systematica e symetricamente feitas de longe em longe, *de paginas typographicas inteiras*, o que só poderia ser alli praticado e jámais devido a descuido de Koseritz, quando publicou, afim de espontaneamente enviar-me, as quadrinhas na *Gazeta de Porto Alegre*. E' muito audacioso o desplante do atrevidaço ilhéo.

Mas ouçamos as suas babuzeiras:

« ... tive de *apartar* (?!) o texto dos *Cantos do Brasil*, porque o colleccionador *confundia romances diversos em um mesmo ditado*, como aconteceu com os romances *D. Branca* e *Casamento mallogrado*, que formavam um só. O colleccionador *não conhecia os themas tradicionaes e cahia nestes erros que eu eritei sem ruido.* »

Quem lê este pretencioso enunciado, não conhecendo os factos, fica a pensar que, na verdade, os *Cantos* tinham ido para Lisboa em estado cahotico, onde tudo estava confundido, e era mister *separar*, segundo a expressão de Joaquim da Terceira... Mas que diabo vem a ser *separar o texto dos Cantos*? Todo o trabalho do imperturbavel annotador foi, neste sentido, dividir em dous o romance de *D. Branca*, de que extrahiu o final, fazendo com esse final o *Casamento mallogrado*! Foi a

unica separação por elle praticada, não havendo mais outras a fazer; porque, si houvesse, elle as teria levado a effeito e viria agora gabar-se da prodigiosa operação.

A um *só facto* reduzem-se as *confissões e erros do colleccionador*, emphaticamente annunciados pelo prefaciador e annotador!... E, sinão, cite elle outros, si é capaz.

E a isso é que chama *não conhecer os themas tradicionaes...*

Mas, si deixei passar, sem reparo, essa nuga, foi apenas para não levantar bulha por motivo tão simples e sem valor; porque, no caso, tanto vale acceitar a licção de Braga, que separa os dous romances, como a licção por mim usada, que os reunia em um só, pois *como um só* é que o povo o repete em Sergipe. E' que não tenho, como *folk-lorista*, o habito de corrigir o povo, pratica abusiva em que sempre tem cahido o desfructavel Joaquim da Terceira.

Si o povo, si a massa popular no Brasil esqueceu a distincção dos dous romances, si os agglutinou em um só, e si o papel do *folk-lorista* é o de reproduzir fielmente o que a tradição diz, qual a vantagem de o querer corrigir? A poesia popular é da multidão anonyma ou é do colleccionador? Sr. Joaquim, tenha senso!

Ouçamol-o ainda:

« As quadras que formaram o 2.º vol. dos *Cantos populares* vieram todas em folhetins impressos em um jornal do Rio Grande do Sul pelo dr. Carlos Koseritz; assim foram

para a imprensa, *cortando nas provas typographicas as numerosas repetições.*

E' natural que *escapasse alguma quadra repetida*; mas esse trabalho deveria ter sido feito pelo sr. Roméro, quando *entendeu apoderar-se da collecção de Koseritz.* » (*)

Não se sabe que mais admirar neste aranzel: si a mentira, ou a petulancia do ilhéo.

Então as numerosas *repetições* foram obra de Koseritz ? ! Então, no 2.° vol. dos *Cantos* escapou apenas *alguma quadra repetida ?* Então, eu *entendi apoderar-me da collecção de Koseritz ?*

Como julgas os outros por ti !

Como soubeste que as quadras tinham sido publicadas em um jornal do Rio Grande ? Pelo que lêste por mim publicado na *Revista Brasileira* e nos mesmos *Cantos*. Como soubeste que tinham sido colligidas por Koseritz ? Pelo que lêste ainda nos mesmos *Cantos* e na mesma *Revista.* E quem assim indica a paternidade do trabalho alheio *pretende delle apoderar-se ?*

Perdeste a cabeça, Joaquim da Terceira ? Sabes tu ao certo quem foi Koseritz ? Conhecestel-o ? Tiveste com elle relações ? Não: sabes delle apenas o que apprendeste em meus livros. Sabes que foi elle um dos meus melhores amigos, a quem dediquei a

---

(*) Pag. 193 de *O sr. Sylvio Roméro e a Literatura Portugueza*, por *Xico-Xexeu* — por alcunha *o famigerado Tran-Paseco.*

Philosophia no Brasil, por elle publicada em Porto Alegre? Sabes que todas as semanas se carteava commigo? Ignoras que nos *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira* declaro ter tido elle a gentileza de colligir as celebres quadras, exactamente para m'as offertar para a minha collecção? E a isto é que chamas pretender apoderar-me do seu trabalho? Toma senso, Joaquim da Terceira, e deixa-te de bestidades!

Até aqui o caso dos *Cantos*, que declarei não apurar em *Uma Esperteza*. Agora vou passar ao assumpto principal deste debate: o caso dos *Contos*.

Cumpre advertir que, pouco após a publicação dos *Cantos* (1883), me enviava o sr. Carrilho Videira as *Miragens Seculares* do autor açoriano, pedindo-me um artigo a respeito!... Como tinha feito ácerca das *Civilizações Semitas* e da *Historia do Romantismo*, vindas antes da alludida publicação, ainda dessa vez desculpei-me como pude e não lhe mandei artigo algum.

Prova irrecusavel do pouco valor real em que tinha e tenho o Joaquim da Terceira.

II

Agora a parte mais grave deste debate, demonstrada no protesto publicado sob o titulo *Uma Esperteza*, e que não foi absolutamente nem siquer abalada na carta-defesa do sr. Braga, e vai sahir ainda uma vez victoriosa desta réplica: o plagio feito da minha classificação ethnographica e as enormes alterações praticadas no corpo da obra.

Com o livro dos *Contos* houve em Lisboa tambem o plano de o multiplicar em dous. Para isso, o sr. Carrilho levou tempos a instar commigo para que lhe enviasse maior colheita de narrativas anonymas. Isto por varias vezes, no correr do anno de 1884. Afinal lhe respondi que lhe não mandaria mais nada, que se contentasse com o que já tinha em seu poder, tanto mais quanto o sr. Braga, como tinha feito, sem se lhe pedir, nos *Cantos*, tinha de juntar ao livro *prologo e notas*. A esta circumstancia é que se apega o Joaquim da Terceira, citando um trecho truncado da

carta minha, para insinuar que eu é que pedia os famosos e horrendos *prefacios* e as medonhas e tremendas *notas*... A isto é que chama *abusar de sua pessoa*... Vade retro! Ora, não se comprehende que nos *Cantos* tivesse o homem, de *motu proprio*, posto os taes prologos e notas e o deixasse de fazer nos *Contos*, que suscitavam questões ainda mais sérias. A isso é que eu me referia quando me recusava a enviar novos contos: pois achava que, para engordar o volume, que é o que elles queriam, não seria precisa nova remessa de historias, bastando *os prologos e as notas* graciosamente offerecidas desde 1882 pelo professor de Lisboa.

Este não póde ter a imprudencia de o contestar; sim, não póde ter o desplante de negar que foi elle quem se offereceu para prefaciar e annotar toda a minha collecção, tanto de cantos, como de contos.

A sua insinuação, para quem conhece a minha natural altivez, revela-se felizmente apenas como uma simples miseria, miseria da parte de um caracter tortuoso e malevolo.

Nem se comprehende, repito, que se offerecesse elle para commentar em notas e prologos sómente os *Cantos*, deixando de parte os *Contos*: pois seria um disparate, uma anomalia ante o publico a apparição de uma parte da obra com os referidos commentarios e a outra sem elles. Alli era o caso de: *ou tudo ou nada*!

Que dizes, ó Braga astuto?
Vê bem onde vais ficar:
Eram os *Cantos* sómente
Que tu ias annotar?
Ou pretendias, magano,
Nos *Contos* tambem falar?...

Ponhamos a mão no criminoso confesso.

O sr. Braga não contesta, antes confessa, ter cortado a parte da *Advertencia prévia* do meu livro, na qual eu fazia a classificação ethnographica dos *Contos*, e que era nestes termos:

«*A presente collecção de contos é dividida em tantas secções quantas são as origens de nossas populações e de nossas tradições, distribuição que obedece ao criterio ethnographico.*

Assim temos:

I. Contos de proveniencia *portugueza*: II. Contos de proveniencia *americana*: III. Contos de proveniencia *africana*; IV. Contos de *origem recente ou de accentuada transformação mestiça.*»

O sr. Joaquim Fernandes Theophilo Braga, o Joaquim da Terceira, não contesta, antes confessa, haver engulido esse trecho essencial no livro. Quem o autorizou a isso? Quem lhe deu autoridade para cortar ou alterar uma obra alheia?

Pediu-me elle permissão para o fazer?

Não; logo, que nome deve dar-se a esse desaforado desplante?

Confessa a subtracção do trecho fundamental da *Advertencia* e a pretende justificar com estas levianas palavras:

«*a designação de origem portugueza era estupida*, porque quasi todos os contos desta categoria acham-se repetidos nas republicas hespanholas da America, como *provei* nas *minhas* notas comparativas; *preferi* a formula mais geral de *origem européa*.... Deixando a formula *origem americana*, como prestando-se a equivocos, *preferimos* (*eu* e *nós* ao mesmo tempo.... que lingua!) a de *elemento indigena*...» (*)

Então? Tive ou não razão quando disse haver o ilhéosinho eliminado um trecho da *Advertencia*? E que trecho? Aquelle em que se dava conta da idéa theorica do livro.

Mas, Santo Deus, para substituir a palavra *européa* á *portugueza* e a palavra *indigena* á *americana*, era preciso engulir um trecho inteiro?

Não seria bastante riscar uma palavra e escrever outra?

Seria um abuso tal tróca de termos sem autorização do autor, sem se lhe pedir licença; mas vá lá que o tivesse feito: engulir o trecho é que não.

As razões dadas pelo sr. Joaquim da Terceira é que são das Arabias... Devia dizer-se proveniencia ou *origem européa*, e não

---

(*) Pags. 195 e 196 do cit. livro de *Xico-Xexeu—o surrado Tran-Paseco*.

portugueza, como eu havia escripto, porque a mór parte dos contos, que eu dava como de tal fonte, correm nas Republicas hespanholas!

Mas, onde tem esse homem a cabeça? Não vê que, quando se diz origem *portugueza*, implicitamente está dita a origem *européa*? Não vê que a expressão *portugueza*, no caso, era preferivel, por designar logo o povo da Europa de que descendem os brasileiros? Não vê que o qualificativo *portugueza* tem mais comprehensão do que *européa*, que tem mais extensão, e esta é que póde dar logar a equivocos?

O mesmo na tróca de *indigena* por *americana*.

Não vê que esta ultima alteração se reduz a uma ridicula nuga? Em assumptos ethnographicos, quando, no Brasil, se diz—esta palavra, este costume, este uso, este mytho, esta tradição, esta lenda é de origem americana, já se sabe que se trata dos aborigenes, dos indigenas da America.

O qualificativo *americana* que dei era até preferivel, porque tal é o nome da familia desses povos em ethnographia: diz-se a familia *americana* e não a familia *indigena*. Sr. Joaquim Fernandes, tome senso!

Que dizes, ó Braga astuto?
Vê bem onde vais ficar:
Portugueza em *européa*
Pretendias tu trocar?
Mas, então, bastava, ó mono,
A palavrinha riscar!...

O leitor vai notando a leviandade e a matreirice saloia do homemsinho.

Considerando os meus pobres contos populares *res nullius*, quanto asnidade lhe vinha á cabeça, ia nelles praticando a seu bel-prazer. E assim, não satisfeito de haver cortado o significativo trecho da *Advertencia*, levou para o conteúdo de seu famoso *prologo* as divisões precipuas do assumpto e epigraphou as diversas secções desse escripto por esta fórma: I. *Tradições de proveniencia européa*; II. *Tradições de proveniencia africana*; III. *Tradições das raças selvagens do Brasil.*

Como se está a ver, é a reproducção do meu trecho, cortado, que, dest'arte, figura fóra de seu logar e como invenção do prefaciador. Enguliu o que se referia ás *origens recentes* e transformações pelos *mestiços* para ainda melhor impingir a cousa como sua.

Mas não pára ahi: no corpo do livro pegou nos contos da secção *americana*, tirou-os de seu logar e estupidamente (aqui é que o qualificativo *estupido* entra de molde e sente-se alegre por se ver bem applicado) os incluiu na secção *africana!...*

O sr. Joaquim Fernandes Theophilo Braga, vulgo o Braga da Terceira, não o contesta, antes garbosamente o confessa.

Mas ainda uma vez: quem o autorizou a praticar taes desatinos em meu livro?

Quando m'o pediu para o imprimir, avisou-me de que o pretendia emendar?

Eis a questão.

Por mais estupido que eu hoje pareça ao literato dos Açores, que já uma vez me escreveu haver *lido com assombro um livro meu*, mudança essa que não invalida o seu primitivo juizo, provando apenas a devastação moral de seu caracter; por mais mentecapto e incapaz que eu me antolhe hoje tambem ao seu guarda-costas —*Xico Xexeu*—, que já uma vez me fez offerecimento, com garbosa dedicatoria, de um exemplar de sua edição de *Uruguay*, de Basilio da Gama (*), não autorizaria nunca ao sr. Theophilo Braga as espertezas que praticou em meu livro.

Isto mesmo eu lhe disse na carta em que protestei junto a elle, antes do protesto publico feito ao paiz.

Não é tudo: recheada a secção africana, não só com os contos dessa origem, como com os de origem americana, o sr. Braga juntou-lhe ainda os de proveniencia dos mestiços, o que deu em resultado um *embroglio* dos diabos, objecto de vaia em quasi toda a Europa, partindo a surriada do *Polybiblion*, de Paris, pelo orgam de mr. Saint-Albin, a quem tive de dar explicações pelas asneiras do sr. Braga, porque este senhor entende metter-se nas encolhas, como já antes o havia feito com as arguições de Leite de Vasconcellos.

(*) No *prologo* desta edição de Basilio, o Xexeu me chama *critico arisco*, *porém* JUSTICEIRO.

Com taes desarranjos e desmantellos, ficou a secção americana vasia, e o sr. Braga entendeu de a encher com os contos tupis do livro do sr. Couto de Magalhães.

Dous motivos superiores aconselhavam-no a que o não fizesse.

Desde que sómente cinco ou seis de taes contos têm entrado nas tradições nacionaes, e eu tinha declarado na *Advertencia*, em trecho por elle não cortado, só acceitar na minha collecção os contos portuguezes, africanos e *americanos*, que tivessem sido assimilados e incorporados ás tradições brasileiras actuaes, bastava isto para o cohibir em tal proceder. E' este um dos dous motivos. O outro é o seguinte: — quem o autorizou a apoderar-se (aqui é que o verbo *apoderar-se* entra bem) dos trabalhos de Couto de Magalhães? Teve licença do autor?

Pediu-lhe permissão? Teve resposta affirmativa?

Os contos do brigadeiro Couto de Magagalhães estariam nas mesmas condições das quadras para mim espressamente colligidas por meu grande amigo Carlos de Koseritz?

Eis, porém, as palavras de Braga confessoras de haver deixado no meu manuscripto em branco a secção *americana*, tirando-lhe os contos e passando-os para a secção *africana*, e de haver enchido a falha aberta com as historietas do *Selvagem*:

«No que se referia á *origem africana* eram exclusivamente as fabulas que caracterizavam esta categoria; como muitas destas fa-

bulas se repetem em Portugal, como *provei* nas minhas notas comparativas (*diabos levem as tuas notas comparativas*), por isso *as considerei de origem africana e não de origem tupi;* sabendo-se como desde o seculo XVI se espalharam em Portugal alluviões de pretos.

Contos de *origem americana* estavam apenas representados por algumas fabulas tupis, suppondo que estavam assimiladas pelo povo brasileiro. Deixando a formula *origem americana*, como prestando-se a equivocos, PREFERIMOS (no mesmo trecho, a poucas linhas de distancia, Braga usa ao mesmo tempo de *eu* e de *nós*...) a de *elemento indigena e* ALARGAMOS esta série, *incluindo* as fabulas e contos tupis *colligidos pelo dr. Couto de Magalhães*...» (*)

Têm ahi os leitores réo confesso ou não?! E do misero aranzel cheio de tolices, onde se salvam apenas as confissões de Braga, é que *Xexeu* chama resposta esmagadora!!...

Mas venhamos ao objecto principal: o plagio descarado, feito por Theophilo, da theoria ethnographica brasileira applicada aos contos populares.

Neste ponto elle não confessa, procura negar, cahindo em contradições e atropelando-se a cada passo.

(*) Pags. 195 e 196 do livro de *Chico-Xexeu— o repulsivo e chicoteado Tran-Paseca.*

E' forçado, para escapar-se, a cahir no mais grosseiro sophysma, firmado numa revoltante falsidade. Attenda o leitor.

Depois de haver podado as linhas finaes da *Advertencia*, nas quaes se lia a doutrina ethnographica reguladora da economia do livro, passou o sr. Fernandes Braga a escrever o seu famoso prologo, dividido em tantas secções quantas eram as origens dos nossos contos por mim indicadas, menos a mestiça, e, para fingir trabalho proprio, além da póda feita na *Advertencia*, teve o cuidado de não citar, nem uma só vez, minhas observações e estudos sobre os contos, observações e estudos que lhe eram conhecidos, que tinham sido publicados na *Revista Brasileira*, de onde elle tirou as VALIOSAS INFORMAÇÕES para a sua *Theoria da Litteratura Portugueza*, e que lhe estavam presentes, pois deveriam constituir o primeiro volume de meus trabalhos *folk-loricos* brasileiros, idos para Lisboa a imprimir.

No alludido prefacio, depois de discorrer a seu modo a respeito de ethnographia brasileira, declara-se autor de taes idéas e dono da classificação nestas palavras:

«*Foi sob* ESTE ASPECTO que LIGAMOS uma singular importancia aos *Contos Populares do Brasil*, COORDENANDO-OS ETHNOLOGICAMENTE, *de preferencia* a qualquer disposição esthetica.»

A cousa é evidente. Apertado por mim, como busca actualmente o sr. Joaquim da Terceira sahir da difficuldade?

Veja o leitor e pasme.

As palavras — *Foi sob este aspecto*, que se encontram á pag. IX de seu já agora celebre prologo, separadas da minha *Advertencia* por um titulo em letras enormes, e mais por dous grandes claros, e mais por tres largas paginas, as palavras — *Foi sob este aspecto* — pulam por cima de tudo isso e vão referir-se a uma rapida e escondida metaphora por mim escripta e por elle deixada na *Advertencia* (pag. VI), e que réza: *o brasileiro é o resultado das tres almas que se reuniram!!*

E' um cumulo!

Que triste escapatoria! Que atropello! Coitado! Chega a metter pena!

Entretanto, qualquer que pegar do livro e ler o prefacio alli posto pelo sr. Joaquim dos Mosarabes, sob o gordo titulo e grandes letras — *Sobre a Novellistica Brasileira*, verá que as palavras: *Foi sob este aspecto que ligamos...* etc. se reportam, não a dizeres meus da *Advertencia*, e sim a palavras de Braga contiguas e immediatamente antecedentes. Vejam e admirem.

Eis aqui o trecho completo:

« O *portuguez* não atacou as *raças selvagens* do Brasil, como o anglo-saxão na America do Norte; não occupou o novo continente por immigrações forçadas sob o impulso da revolta politica e da dissidencia religiosa; não viu no seu cooperador activo, o *escravo negro* desse abysmo inaccessivel da côr, e suscitado pela ambição pacifica do lucro, conser-

vou instinctivamente o *conjuncto dos antecedentes*, e esta circumstancia facilitou o encontro das *tres* raças produzindo-se gradualmente os caracteres essenciaes para a formação de uma vigorosa nacionalidade. Durante a *colonização portugueza*, não perdemos na transplantação as tradições poeticas da *mãe-patria* como se vê pelos *Cantos populares do Brasil*; pelo seu lado, as *raças selvagens, guarani e tupi* (Este pobre diabo ainda hoje pensa que os *guaranis* e *tupis* eram duas raças differentes e que a elles se reduziam as raças selvagens do Brasil!)... mantiveram as suas *tradições primitivas*, e o elemento escravo trazido do fóco *africano* procurou nas ficções de seu fetichismo, nessas fabulas espontaneas, a consolação de uma situação monstruosa que se prolongou abusivamente durante quatro seculos. Um dos caracteres essenciaes da nova nacionalidade será evidentemente a reminiscencia *destas tres tradições*, na fórma de *Mithos*, de *Lendas* ou de *Contos*, segundo o desenvolvimento social *dessas tres raças que se approximaram*. Colligir essas tradições no syncretismo actual em que se acham, *determinar a intensidade de cada elemento ethnico* é um processo de alta importancia para avaliar como, a par da assimilação organica, se está elaborando a synthese affectiva, que individualiza e unifica uma nacionalidade em todas as manifestações da literatura e da arte.

Foi sob este aspecto que LIGAMOS uma singular importancia aos *Contos populares do*

Brasil, COORDENANDO-OS ETHNOLOGICAMENTE, *de preferencia a qualquer disposição esthetica*». (*)

O leitor vê bem agora a que é que se referem as palavras — *Foi sob este aspecto*, etc.

Reportam-se evidentemente ás phrases anteriores, ás quaes aquelle ultimo periodo é subordinado.

Nellas e noutras antecedentes, o sr. da Terceira, após uma citação de Comte, faz aquelle escorço de ethnographia brasileira, plagiando idéas minhas sem a mim se referir e impinge como obra delle a *classificação ethnographica* dos *Contos populares do Brasil*.

Si não está isto provado, então já vejo que nada existe provado neste mundo.

Eu bem comprehendo o motivo da sahida, procurada agora por Braga, pensando evitar o cerco em que o puz: é que, na *Esperteza*, não citei por inteiro o trecho do velhaco, o que fiz agora. Mas similhante escapatoria é indigna de um homem serio.

Então, Braguinha, que dizes:
O tal *aspecto* (innocencia!...)
Se refere ás tuas phrases,
Ou á minha *Advertencia?*

(*) *Contos Populares do Brasil*, edição de 1885, Lisboa, pags. VIII e IX.

E ficou tão atordoado no arroxo, em que o metteu a *Esperteza*, que chegou agora de fresco a renunciar á theoria ethnographica brasileira, que de mim havia apprendido, e que tinha acceitado, a ponto de julgal-a *um processo de alta importancia*, apostasia esta filha de ruindade de caracter, curteza de intelligencia e crassa ignorancia.

Eis aqui este ultimo vomito pestilento do insultador de Herculano e Quental:

« E para confessar a plena verdade, eu acho essa theoria DEGRADANTE para o povo brasileiro, em que APENAS HA CAMADAS DE MESTIÇOS DE PRETO E DE SELVAGEM, MAS SEM ACÇÃO DIRECTA NA CULTURA E NA SOCIEDADE DO BRASIL.

O sr. Sylvio Roméro, como MESTIÇO, faz ethnologia brasilica PARA SEU USO.

Como é que eu podia tirar-lhe ESSE PRAZER ?!

Pelo contrario, convém-me (*convém-lhe, porque ?*) que alguem acceite *a responsabilidade dessa theoria ethnica* ». (*)

Neste ponto da excursão através da carta-defesa do sr. Theophilo Braga, toda calma é pouca. Então acha o escriptor portuguez que essa theoria, que elle elogiou no prologo dos *Cantos*, que expoz como sua no prologo dos *Contos*, é *degradante* para o povo brasileiro ?!

(*) Pag. 194, do livro de *Xico-Xexeu— o repellente Tran-Paseco.*

Então essa doutrina, ainda hontem chamada pelo sr. Braga um *processo de alta importancia*, é degradante para o povo brasileiro ?

Degradante como e porque ?

Será licito a quem se diz positivista, a quem diz professar a religião da humanidade, achar degradada a enorme população mestiça existente no Brasil, população que orça por tres quartos, pelo menos, da nação brasileira ?

Calculada em 16 milhões a população do Brasil, dado que existam aqui tres milhões de brancos puros, um milhão e meio de negros e quinhentos mil indios, fica um saldo de onze milhões de mestiços de todas as gradações, massa immensa de gente que o sr. Theophilo Braga acha degradada !...

Como tudo isto é irritante !

Acha que temos aqui *apenas camadas superpostas de mestiços de preto e de selvagem, sem acção directa na sociedade* ?

Que vem a ser—camadas superpostas, falando de populações cruzadas ?

Quem lhe disse que só existem aqui mestiços de preto e selvagem ? O branco europeu não cruzou tambem com essas raças ?

Cruzaram apenas ellas entre si ? Quanta ignorancia !

Quem lhe disse que os mestiços não têm tido acção na sociedade e na cultura ? Quanta maldade a contrastar com toda a historia brasileira !

Quem lhe disse que eu sou um *mestiço* e faço ethnographia para *meu uso*?

Porque e para que é assim máo e leviano?

Para que esse argumento *ad hominem*? Pois fique sabendo que não sou mestiço, sinão no sentido geral em que o póde ser hoje toda a raça aryana, nomeadamente a porção della que habita a peninsula hispanica. No sentido, porém, de ser um *mulato do Brasil*, érra em absoluto o paspalhão portuguez.

Meu pae era um portuguez, natural do norte do reino, nascido em Guimarães, filho de João Bento Ramos Roméro e Josepha Vaz de Carvalho.

Minha mãe é brasileira, filha do portuguez Luiz Antonio de Vasconcellos e Rosa Ludovina da Silveira, esta, por sua vez, filha de dous portuguezes—Joaquim José da Silveira, ultimo capitão-mór do Lagarto, em Sergipe, e d. Joanna Corrêa da Silveira. (*) Toda minha linhagem é, pois, quer pelo lado paterno, quer pelo materno, inteiramente portugueza de boa seiva. Estou contente e satisfeito com a minha ascendencia: porém, tendo de nascer no Brasil, si me fosse possivel escolher os meus avoengos, eu desejaria contar entre elles alguma intelligente e boa

---

(*) Tanto que o nome todo do Mestre é — Sylvio Vasconcellos da Silveira Ramos Roméro. (*Nota de A. F.*)

mestiça, de negro e indio, uma bella mameluca, a que se tivesse alliado um forte e honrado filho de Portugal.

Em taes condições é que faria ethnographia para meu uso. Ou, talvez, quem sabe? talvez não a fizesse: porque o sr. Theophilo Braga deve saber que, *em casa de enforcado, não se fala em corda*; em casa de mestiço, não se fala em mestiço, tal é a força dos preconceitos!

S. exc., ao que consta em alguns circulos, tem em sua linhagem o elemento cigano e o mestiço das Ilhas, e, por isso, devia ser mais condescendente para com as gentes cruzadas, que enchem as cinco partes do mundo. Ignora, por ventura, ser hoje relativamente bem pequena a população extremamente branca do globo?

Ignora que na Asia, na Africa, na America, na Oceania e na propria Europa formigam as gentes mestiças? Será isto uma degradação e será licito dizel-o ou pensal-o a um positivista?

Sr. Joaquim, tome senso!

Já uma vez eu escrevi que se dá com o apagamento da differença entre as *raças*, producto da natureza, o mesmo que se dá com o apagamento das distincções entre as *classes*, producto da historia: o que se ganha em extensão, perde-se em profundeza. Escrevi mais que as raças cruzadas são talvez mais fracas do que a raça branca pura...

Concluir, porém, dahi ser isso uma degradação, malsinar como degradadas as popula-

ções novas dos novos continentes e chegar ao ponto de negar-lhes qualquer acção na cultura e na sociedade, isto estava reservado ao Joaquim da Terceira. Quiz fazer uma barretada ao povo brasileiro, considerando como digna sómente desse nome a gente branca, distincta dos mestiços, reduzidos estes apenas a *camadas sobrepostas sem acção na sociedade e na cultura*; quiz fazer uma barretada, intrigando-me a mim, e desgraçou-se, coitado!

Diz que *lhe convem (?!)* que alguem *acceite a responsabilidade* dessa theoria ethnica, que outr'ora elle admittia, e julga que me insulta chamando-me mestiço e dizendo que faço ethnographia para meu uso!... Como se engana!

Nós-todos aqui acceitamos as condições e não fugimos ás responsabilidades que a historia nos creou. Podemos, no estudo imparcial, objectivo, que fazemos de nossas origens e procedencias, em respeito á verdade scientifica, mostrar, confessar, aqui ou alli, alguma fraqueza, alguma falta de profundeza e originalidade: mas nem renegamos nossos paes, indios, africanos ou europeus, nem cahimos mais na tolice, no preconceito, de pretender occultar o enorme mestiçamento aqui operado em quatro seculos. Só um fanatico aryanizante é que póde ainda ter a leviandade ou a cegueira de reduzir, no seculo XX, os mestiços apenas a *camadas sem acção directa na cultura e na sociedade do Brasil!...*

Ora, Braga, quanta asneira.
Quanto fel! quanta bobagem!
Ser ao povo brasileiro
Degradante a mestiçagem!...

E quem quer desdenhar de mestiços?

Um representante do povo, que, conjunctamente com o hespanhol, é um dos mais mestiçados da Europa!

Pondo de lado os homens do periodo terciario e dos primeiros albores da época quaternaria, dos quaes pouco mais que nada se sabe, por terras portuguezas passaram ibéros, phenicios, ligures, gregos, celtas, carthaginezes, romanos, suevos, godos e arabes.

Ora, segundo as melhores theorias, os ibéros eram de raça morena, melanochroica, de typo berbere, provavelmente resultado de antiquissimas fusões de negros e brancos; os phenicios, e principalmente os carthaginezes, continham em seu seio grandes populações mestiças: o mesmissismo era o caso dos arabes, sob cujo nome generico se contavam os mouros africanos, mestiços irrecusaveis, e mais os almohades e almoravides das regiões de além do estreito, quasi todos gentes negroides, sem a menor sombra de duvida: e, mais, da Asia, Africa e America, desde os fins do seculo XV, quanto ás primeiras, e começos do XVI, quanto á ultima, foram para o reino milhares de mestiços, caboclos e negros de toda a casta, e

de tudo isto sahiram as gentes portuguezas actuaes, e o sr. Braga pretende apurar *branquidade!*

Ora, deixa-te disso, mosarabe de uma figa!

Põe-te quieto, cala essa bocca, que é melhor...

Nem aqui se faz mais caso serio de certas pacholices branquistas.

Eu mesmo, para desabusar casmurros e charlatães, disse uma vez que era, quiçá, um representante, em qualquer gráo, das nossas tres origens ethnicas... Era evidentemente uma *boutade* de critico para desarmar preconceitos, apaziguar resentimentos, reter velleidades, reprimir desassocegos, mostrando que não era por mal e com reprehensivel tenção que fundava na ethnographia a theoria da literatura nacional.

Só os estupidos o não comprehenderam.

Não tenho culpa de que o desconcerto de Braga neste debate o tenha collocado nesse numero.

III

Para attrahir a commiseração dos leitores a seu favor, finge-se Braga victima, exaggera as censuras que lhe eu fizera, allegando já haver, noutro escripto, consignado minha autoria da doutrina ethnographica em questão, por elle, seja sempre lembrado, outr'ora acceita com grandes gabos e hoje repellida, *como degradante*...

Nem eu disse em *Uma Esperteza* que houvesse elle bifado, em todos os tempos, essa theoria em totalidade e em absoluto. O que alli escrevi, sustentei, e é incontestavel, foi a autoria que assumiu da applicação dessa doutrina a um de seus casos mais importantes—os *Contos populares brasileiros*; foram as alterações gravissimas em meu livro feitas, sem a minha autorização; foi o claro aberto na secção americana: foi a passagem estupida dos contos desta origem para a secção africana: foi o claro aberto na secção dos contos de proveniencia mestiça: foi a passagem dos desta secção para outro logar do livro; foi a inclusão dos vinte e cinco

contos indigenas do dr. Couto de Magalhães, dos quaes apenas uns cinco ou seis poderiam ser incluidos, como acceitos pelas populações actuaes, tendo, aliás, alguns destes cinco ou seis já variantes nas licções por mim colligidas: o que eu, além de tudo isto, censurei foi o ar de *magister* assumido pelo sr. Braga em seu prologo e notas, escriptos de maneira a insinuar o lhe haver chegado ás mãos o manuscripto dos contos em estado cahotico, o que era uma revoltante falsidade. O livro foi daqui perfeitamente dividido, organizado, architectado, como mais tarde veiu a sahir na segunda edição tirada pela Livraria Alves, do Rio, salvo a inclusão de alguns contos posteriormente colhidos.

E, para que bem patente fique aos olhares de todos a summula de meu protesto, como foi formulado em *Uma Esperteza*, para aqui vai ella trasladada:

« Por ultimo, sahiram, ha mais de dous annos, os *Contos populares do Brasil*, commettendo Braga, sem me avisar, e com o mais escandaloso abuso de confiança, os seguintes delictos:

1.º cortar um trecho da *Advertencia preliminar* do livro em que dava eu conta da divisão deste:

2.º apoderar-se dessa divisão ethnographica dos contos brasileiros e dal-a como producção original sua;

3.º para fingir trabalho proprio, passar os contos tupis (e os de proveniencia dos mes-

ticos), enviados por mim, para a secção dos contos africanos :

4.° incluir no livro (*na secção que deixou em branco*), fingindo que eu os desconhecia, os *contos tupis do dr. Couto de Magalhães*;

5.° escrever um prologo disparatado, inçado de erros trapentos, em opposição absoluta aos meus proprios *Estudos sobre a poesia popular brasileira*, que são o manancial onde o compilador açoriano foi beber o poucochinho que sabe de literatura popular desta parte da America.»

Eis ahi os *itens* da accusação, e, para os sustentar, foi escripta *Uma Esperteza*.

A prova adduzida foi completa e esmagadora, no primitivo *protesto*, e ainda completa e esmagadora é ella na presente *Réplica*.

Póde o Joaquim da Terceira cabriolar como quizer : está preso e amarrado ao moirão : dahi não sahirá.

E, como nas ultimas paginas de *Uma Esperteza* tivesse eu posto algumas considerações elucidativas da figura literaria de Theophilo tomada em totalidade, o magano, em defesa, cahe no desplante de invadir os papeis particulares do sr. Carrilho Videira, que hoje delle muito se queixa, como no Rio o fez a mim proprio em carta, e extrahir dous trechos de missivas minhas ao livreiro portuguez, para insinuar que, em tempo, eu tambem tivera em alta conta o professor de Lisboa, procedimento esse tanto mais censuravel quanto todos sabem que

Carrilho passou por aquelles tempos por uma crise cerebral que ainda agora, no momento em que escrevo, o atormenta, e não tinha competencia para ordenar, sem meu consentimento, a publicação de trechos literarios meus, que de direito me pertencem. O destinatario de uma carta fica apenas habilitado a conhecer do seu conteudo: não póde divulgal o pela imprensa, sem o *placet* do autor. O contrario é um procedimento indigno, mal desculpavel num louco, quanto mais em o sr. Theophilo, que, além da publicação sem autorização, atirou á imprensa trechos de cartas que nem siquer foram a elle —Braga—dirigidas! E' o cumulo da desfaçatez!...

Não é que em as alludidas cartas haja qualquer cousa que não possa vir a publico.

Muito ao contrario; a questão é do máo proceder do literato de Lisboa em si mesmo.

Para provar, porém, que nunca fiz caso sério de Theophilo, andam ahi todos os meus livros, anteriores e posteriores ao curtissimo periodo de nossas tenuissimas relações, nos quaes, sempre que veiu a pello, elle tomou sua *ducha*, como dizemos aqui, ou seu *duche*, como se diz em Portugal. Basta só percorrer a collecção. Nas primeiras palavras de *Uma Esperteza* vem isto consignado.

Veja-se:

« Diversos amigos meus, especialmente conhecedores dos juizos não muito

lisonjeiros tantas vezes por mim publicados á conta do sr. Theophilo Braga, ficaram surpresos quando este professor appareceu encarregado da publicação dos *Materiaes para a historia da literatura brasileira*. Mais de uma vez fui por elles interpellado sobre um facto que julgavam injustificavel...», etc. etc.

Nos proprios *Estudos sobre a poesia popular*, apparecidos na *Revista Brasileira*, de onde o sr. Theophilo tirou as VALIOSAS INFORMAÇÕES (hoje me acha *estupido*!) para a sua *Theoria da Litteratura Portugueza*, elle toma bem merecida dóse, e não podia ignorar o juizo exacto que sempre delle formei. Carrilho, naquelle tempo explorado pelo truculento literato, não o ignorava tambem, tanto que, e isto é decisivo, logo em uma de suas primeiras cartas, ao enviar-me as *Civilizações Semitas*, me pedia para *abrandar meus juizos* acerca de seu amigo, *incançavel*, *trabalhador*, *erudito*, *notavel* etc., como está para ler-se em *Uma Esperteza*.

Desculpei-me, como me pareceu, sobre as *Civilizações Semitas*, e nada do livro disse ao publico.

Mais tarde, o livreiro, já em relações abertas, francas, commigo, enviava-me a *Historia do romantismo em Portugal* e pedia artigo acerca dessa obra.

Ora, tanto eu jámais pensei em tecer elogios publicos ao sr. Th. Braga, que nunca escrevi os artigos solicitados por Videira, e dava a entender que, si, acaso, os escreves-

se, seria uma cousa grave, uma verdadeira lucta, e não podia ser por menos, tratando-se de um typo que tem mettido o bedelho em tudo, a ponto de dar serio trabalho a quem tiver de desfibrar aquella pyramide de *manobras*, como lhes chamava Camillo.

Por isso, entre varias ironias para tranquilizar o livreiro, dizia eu:

«... *a peleja* (note-se, veja-se bem — A PELEJA) deve ser collocada numa altura muito fóra do commum...» etc.

O que eu queria dizer é que seria precisa uma dessas criticas aptas a desmantelar de vez o formidavel trapalhão, que até então, salvo excepções notabilissimas, tinha illudido a muita gente.

Era isto em 1882. Em 1884, tendo já apparecido os meus *Cantos*, enviava-me Carrilho as *Miragens Seculares* do vate açoriano, das quaes, diga-se a verdade, não consegui ler mais de tres ou quatro paginas, e rogava-me encarecidamente um artigo sobre ellas para o publico.

Foi ainda ao brando e doce expediente da *ironia* e da *politesse française* que recorri para libertar-me, por uma vez, de tantas importunações.

Deixei a Carrilho bem ver que com artigos não contasse. Mas, e era para serenar a grande inquietação de Braga a desesperar por elogios de cá, disse-lhe que ao outro fizesse ver *ser elle um homem ás direitas* (veja-se que não dizia ser um *original*, um *profundo pensador*, um *grande escriptor*, di-

zia, o que se diz ahi de qualquer burguez diligente, *um homem ás direitas...*), e que via completos os seus *monumentos*, *monumentos disto*, *monumentos daquillo*, *monumentos daquill'outro...*

A' vista de varios precedentes em todos os meus livros acerca de Braga; á vista do facto de nunca lhe haver escripto sinão seccamente para lhe agradecer o pedido dos *Cantos* e *Contos* para publicar; á vista da recusa obstinada em escrever sobre elle artigos, a despeito de tantas instancias de Carrilho; a *ironia* era palmar, e era preciso ser muito besta para a não perceber...

Pois o ilhéo, que já uma vez cahiu na patetice de engulir como de Camões a pilheria de uma carta, em que vinham até citados versos de Garção, nada entendeu e tirou copia do trecho dos *monumentos*, que andou a distribuir e a publicar em jornaes, livros e revistas...

Pobre toleirão!

Eis a que se reduzem os meus grandes elogios a Braga no curto espaço de 1882 a 84: a possivel eventualidade de uma PELEJA com elle, e chamal-o um HOMEM ÁS DIREITAS, tudo ladeado de doces ironias, que o vaidoso não comprehendeu!

Eis como conclue a carta-defesa de Joaquim Fernandes:

«Não é este o primeiro caso que encontro na minha vida literaria: estes desconcertos, porém, *justificaram-se sempre por fórmas de alienação e de degenerescencias pathologicas.*»

E' evidente a allusão a Antero e a Camillo, que acabaram pelo suicidio: expediente que me recommenda *Xixo-Xexeu*, o guarda-costas, dando, nesse conselho, clara amostra da *caridade positivista*!... Mas podem estar descançados os dous malvados.

Em cincoenta annos, que devo fazer aos 21 de abril proximo, apesar das maiores crises politicas, literarias e economicas por que possa um homem passar sobre a terra, nunca tive siquer a mais leve molestia, a não ser a intoxicação da *malaria* nos ultimos dous annos. Os que pensaram proximo o passamento do robusto luctador enganaram-se...

Os covardes e miseraveis, suppondo-me quasi a fallecer, para envenenar os meus ultimos dias e apressar-me o desapparecimento, corvejaram sobre mim, e, ás duzias, choveram as tremendas descomposturas em jornaes e os monstruosos libellos em livros!...

Até o *Braga da Terceira* se atreveu, depois de treze annos, a botar a cabeça de fóra!...

Cacasseno Pereira, fustigado no *Reporter* em 1879, só dezenove annos depois, em 1898, é que arranjou no *Jornal do Commercio* as suas *Vindiciæ*, publicadas em livro no anno seguinte.

Bachi-Buzuk, ou *Valdecinos Frade*, só em 1900, onze annos após, é que sahe em defensa do irmão, *Macaco-Belleza*, com quem tinha

eu rompido em 1889. por vilanias contra mim praticadas na politica de Sergipe. (*)

Finalmente, *Xiro-Xesreu*, o guarda-costas, que, desde 1895, formou o plano de vingar em mim o seu adorado Braga, gastou cinco longos annos na gestação e parto do inqualificavel mostrengo publicado ha pouco em a capital maranhense. (*)

Estavam procurando o ensejo azado, seguros da impunidade!... Illudiram-se!

A toda essa corja hei de applicar condigna raspagem, tirando-os um a um do inferno do esquecimento.

Com Joaquim Ilhéo tenho a apurar apenas agora as linhas finaes de seu escripto.

De homens de valor em Portugal não ha hoje um só, a não ser Ortigão, que é a bondade em pessoa, e não rompe com pessoa alguma, um só que se dê com Braga.

Na *Academia das Sciencias* e no *Curso Superior de Letras* é completo o seu isolamento.

(*) Ultimamente, parece que o perrengue e esteril colleccionador de *sonetos* (ora para que havia de dar o parasita Laudelino Freire...) quer fazer *amende honorable* com Sylvio Romêro, elogiando-o na chlorotica brochura — *Um critico e um poeta*, bobagem em que procura *estudar* (?!) Jose Verissimo e Machado de Assis. E Sylvio é que é contradictorio, como lhe chamou o impagavel criticaço!...

Nunca ha de deixar de ser sisudamente tolo esse acabado e incorrigivel *cussangista* da lingua... (*Nota de A. F.*)

(* No pifio artigalhaço contra mim ejaculado: o misero birbante chama o seu immundo livreco — *um panfleto!*... Que pulha!... (*Nota de A. F.*)

Todos se afastaram delle pela ruindade particular do individuo. Não é porque tenha sido um critico rigoroso na primeira quadra literaria: não. Tirando Castilho, de quem elle disse, animado pelo movimento coimbrão, mal em vida, a Herculano, Mendes Leal, Rabello da Silva, Antero, Latino, só atacou insidiosamente, em allusões ferinas, depois de mortos. Oliveira Martins e Eça de Queiroz, collegas seus na Universidade, andavam delle afastados. O mesmo é o caso, como me referiram em Lisboa, de Leite de Vasconcellos, Adolpho Coelho, Vasconcellos de Abreu, Consiglière Pedroso, de Guerra Junqueiro e outros e outros, companheiros ou collegas, que o não puderam supportar, pela maldade nativa que delle transpira. Serão todos esses *alienados ou degenerados* ?

Joaquim Theophilo talvez o pense...

Os casos de Herculano e Antero são em extremo instructivos da devastação que lavra no caracter do typo. Em seus primeiros escriptos elle falava bem do grande historiador; mesmo na refrega contra o illustre autor do *Eurico*, movida nos annos de 1872—73, si não me falha a memoria, pelo linguista Adolpho Coelho e o critico Ramalho Ortigão, cada um por seu lado, Braga, ou não tomou parte, ou a tomou muito leve e indecisa.

Compare-se este proceder com o que se vê na *Historia do Romantismo* (1880), na qual Herculano, já morto, é arrastado pelas ruas da amargura.

Com Antero a vilania chegou ao auge.

Tinham sido camaradas em principio; haviam depois brigado, a ponto de espalhar-se no Porto, em certa época, que Joaquim, ou algum apaniguado seu, pretendia *bater* no autor das *Odes modernas*, como está para ler-se em *In Memoriam*, livro consagrado á glorificação de Antero.

O motivo da briga foi o grande crime do autor das *Primaveras romanticas* ter achado a these de Pinheiro Chagas, por occasião do concurso á cadeira de literatura do Curso Superior de Letras, melhor do que a de Braga. *Inde iræ!*

Pois bem. Morto Antero, não era de esperar que o ilhéo o deixasse em paz? Pois, longe disso. O homem teve a desfaçatez de escrever que o outro, o seu collega, o seu genial compatriota, tinha chegado ao fim que teve, porque se dava a vicios solitarios e de perversão sexual!

Horrivel!... (*)

(*) No livro — *Antero do Quental* (*In Memoriam*), p. 35, lêm-se estas palavras do illustre orientalista portuguez sr. Vasconcellos de Abreu:

«Alguem, que, em tempo, se dissera seu amigo, mas por infima ruindade propria se afastára delle, acoimou-o, depois de morto, de vicio em que *o accusador era usciro*, e assim explica o seu suicidio. Mente esse vil calumniador!...»

Que feroz abutre não é o tal sr. Braga! Mas tambem que tunda lhe passa o sr. Vasconcellos de Abreu, impulsionado por uma santa e nobre indignação!

Nem era para menos. Levantar uma calumnia posthuma, e assim tão baixa, e para revoltar os animos mais serenos e calmos. (*Nota de A. F.*)

Quem duvidar, leia *Modernas idéas na Litteratura Portugueza.*

E é esse mesmo homem, que, pouco mais tarde, fingindo-se compadecido de Antero, fingindo um serviço á sua memoria, procura, cascavilha, cata por todo a parte os descuidosos versos da primeira mocidade, as fracas producções, pelo grande morto desprezadas, e os publica sob o titulo de *Raios de extincta luz*, no claro intuito de amesquinhar-lhe o valor...

Com quanta magua me era isto relatado em Lisboa pelos amigos do extraordinario poeta dos *Sonetos completos*, o homem de letras mais amado, mais querido, mais idolatrado que houve em Portugal, durante todo o seculo que findou!

Com quanta magua!

E elles têm razão: tanta vilania define indelevelmente um caracter como caracter de degenerado. Sim; este é que é, pelo seu proceder, um perfeito degenerado...

Tenho muito discutido, tenho muito polemizado, muito luctado em minha vida; mas nunca briguei com os meus verdadeiros amigos. Nunca. Tautphœus, Koseritz, Ferdinand Schmidt (*Dranmor*), Tobias Barreto, Arthur Orlando, Ferreira Chaves, Clovis Bevilaqua, Martins Junior, Borges Carneiro, Medeiros Corrêa, Francisco Alves, Arthur Guimarães, Martinho Garcez, Augusto Franco, Affonso Celso, Theotonio Freire, França Pereira, Seabra, Rio Branco, todos estes — professores, jornalistas, poetas, cri-

ticos, juristas, magistrados, livreiros, politicos, homens publicos, em summa, alguns já hoje infelizmente mortos, foram ou são meus amigos por dezenas e dezenas de annos.

Quasi em identicas condições—digo *quasi*, por não ter sido com estes tão intima a minha união —estão Raul Pompéa, Tito Livio de Castro, Medeiros e Albuquerque, José Verissimo, Lopes Trovão, Luiz Murat, Olavo Bilac, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Guimarães Passos, Raul Pederneiras, João Ribeiro, Pedro Moreira, e outros e outros, que longo fôra enumerar, com os quaes nunca tive a menor, a mais leve desavença, ou só rarissimos e insignificantes desaccordos literarios, incapazes de alterar a estima em que os tenho.

Ainda mais: ahi andam os meus livros, publicados no decurso de mais de trinta annos, e que devem ser lidos na sua ordem chronologica para se bem acompanhar a evolução natural de meu pensamento, que, em philosophia, mudou do positivismo para o evolucionismo spencerista, chamado tambem por alguns agnosticismo evolucionista, pelo caminho natural do criticismo de Nögeli, Du-Boys Reymond e Helmholtz, como tenho cem vezes exposto com a maior lhaneza; que, no tocante ao rigorismo da analyse, como cem vezes tambem tenho dito, passou do pessimismo da phase polemistica dos primeiros tempos ao periodo de maturidade critica iniciado na *Historia da Litera-*

tura, o que tudo só para quem anda de má fé, ou nada entende destas cousas, importa em contradicção, porque a contradicção suppõe o choque de dous pensamentos contrarios *num mesmo tempo*, ao passo que tudo aquillo vem a ser apenas a normal evolução de um espirito que caminhou, que progrediu. Ahi andam os meus livros: desafio a quem quer que seja para descobrir nelles autor elogiado num tempo e depreciado depois. Nunca. O contrario, sim: autor malferido no periodo polemistico, Luiz Delfino, por exemplo, póde encontrar desafogo na *Historia da Literatura* e mais ainda na *Memoria de Literatura* do livro do *Centenario do Brasil.*

O mesmo é no caso de Machado de Assis. Rigorosamente tratado ao lado de Delfino no opusculo — *Naturalismo em literatura*, foi melhor aquinhoado no livro especial que lhe consagrei e ainda melhor na alludida *Memoria.*

Isto é que é ter a alta imparcialidade da critica, que sabe distinguir entre o sereno e definitivo caracter de um trabalho historico e um simples escripto occasional, cujo fim, no tempo de sua apparição, tinha sido apenas reduzir o exaggero dos elogios feitos aos dous corypheus.

Similhante é o caso de Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, Carlos de Laet e outros, com os quaes tive desaccordos ou polemicas; porém, historicamente, tenho feito justiça.

Para mim, na minha critica, escriptor uma vez elogiado nunca mais deixa de o ser; escriptor censurado uma vez, póde mais tarde achar graça.

E' regra a que nunca faltei. Outra regra que sempre me impuz: escriptor criticado em vida, uma vez morto, si tenho de reproduzir o escripto, abrando sempre o mais possivel as censuras. Poderia citar innumeros exemplos. (*)

Assim tem sempre procedido este *degenerado*...

Pudesse Joaquim Fernandes Theophilo Braga, que tem tripudiado sobre tantas sepulturas, dizer o mesmo... Coitado! Não póde.

....

Bate-lhe a critica os erros,
Como o mar bate na fraga.
Estamos de contas justas:
Passe recibo, sòr Braga.

Sylvio Romêro

São José d'El-Rey, janeiro de 1901.

(*) Um exemplo frisante e recente: a forte surriada, que Sylvio passou na Camara, quando deputado federal, em Valentim Magalhães, como se vê nos *Annaes* do Congresso. Morto o escriptor, Sylvio modificou o tom da lucta, conforme se lê no volume *Discursos*. — (*Nota de A. F.*)

NULLO E PERFIDO (*)

UM PALHAÇO NA IMPRENSA

No meu opusculo *Duas Palavras*, destinado a servir de prefacio a um livro de Sylvio Roméro, sobre Theophilo Braga, escrevi estes periodos a paginas 13—14:

«Ao lado dos que combatem sem treguas o valente pensador brasileiro (*Sylvio Roméro*) se collocou um tal sr. Fran Paxeco, nullissimo calcêta letrado, autor de um famoso canhamaço de nome — *O sr. Sylvio Roméro e a literatura portugueza*.

Fran Paxeco ou Francisco Pacheco), em linguagem de senzala, num vocabulario repellente e nojento, num estylo de descomposturas de *a pedidos* em imprensa sem criterio, procura, vãmente embora, salpicar de lama e lodo a reputação literaria, não sómente de Sylvio Roméro, alvo principal de seus miseraveis odios, mas egualmente de Tobias Barreto, Araripe Junior, Clovis Bevilaqua, José Verissimo, Joaquim Nabuco e outros notaveis campeões da nossa literatura.

(*) Este artigo foi publicado no *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fóra.

Um mez após, disseram-me que, a proposito delle, uma folha publicada no Rio, por nome *Portugal Moderno* e redigida por um tal sr. Luciano Fataça, escrevêra contra mim um artigo de grosseiras descomposturas e miseros ataques.

Não me foi dado ler a chulenta pagina do *Portugal Moderno*, cujo redactor só conheço de quando esteve em Juiz de Fóra impingindo assignaturas á honrada e nobre colonia portugueza dalli. Nessa occasião redigia eu o *Jornal do Commercio*, e tive ensejo de receber delicada e cavalheirosamente a quem mais tarde devia ferir-me pelas costas!...

Ora, aggredir assim garotamente a vultos tão brilhantes das letras brasileiras, com termos amolecados, num palavreado grosseiro e atrevido, proprio de lupanares, é desprezivel miseria, a que ninguem tenta responder. Quem tiver a coragem de um medico, que autopsia friamente um cadaver podre, leia a verrina de Fran Paxeco, assim como li—porque o critico tem, ás vezes, necessidade de fazer de medico. Já o affirmava Sainte-Beuve, cognominado *le père des critiques*, e que era doutor em sciencias medico-cirurgicas.

Por isso mesmo, nem Sylvio Roméro, nem qualquer outro dos canalhamente insultados por Fran Paxeco, lhe respondeu as chalaças, nem lh'as responderá jámais, porque, aqui, se não dá *palha*...»

Um mez depois de publicado o meu opusculo, recebi do Maranhão um pedido de Franxeco—para que lhe enviasse um exemplar do meu trabalho, que alli não existia á venda. Enviei-lh'o. (*)

Dando á publicidade o meu livro *Fragmentos Literarios*, remetti um volume á *Pacotilha*, antigo jornal maranhense.

Ha dias, trouxe-me o correio um numero dessa folha, cuja primeira pagina veiu quasi toda occupada com um intermino artigo de desafôros contra mim assacados por Franxeco.

(*) No insultuoso artigão, a que estou respondendo, o pascacio parvoeja que «ha mezes recebido escrevedor incriminado um folheto (*Duas Palavras*)...», dando a entender que lh'o remetti *sponte mea*. Parvajola! Certo, eu não lhe mandaria meu trabalho (pois não costumo relacionar-me com os cretinos), si o estupidarrão não m'o pedisse. Pediu-m'o quando me mandou a sua idiotica miseria contra Sylvio, conjunctamente com outros infames volumes. Diz o sandeu no livro a mim offertado: «A Augusto Franco, pedindo-lhe a fineza da remessa do seu trabalho *Duas Palavras*, que aqui não existe á venda, offerece Fran Paxeco». Boa maneira de filar livros e ainda descompôr o autor...

Tambem eu não devia dar resposta a esse malcreado escrevedor, si não houvera nos seus rabiscos uma inverdade referente a Sylvio Roméro. Esse é o motivo, por assim dizer unico, que me obriga a descer á fala com tal garoto sem educação.

As enormes columnas tolejadas contra o meu livro se resumem no seguinte, afóra os xingamentos:

a) errei estabelecendo differença entre *mercantil* e *commercialista*;

b) desconheço que os livros criticos de Zola « obedeciam mais ao prurido de guerrear »;

c) deturpei os nomes de Gustave Planche e Henri *Hennequin*; e

d) commetti quatro ou cinco (!) erros de grammatica.

Ora, ahi está a synthese de toda a estirada franxequeana na parte de censura aos *Fragmentos*. O mais é apenas de descomposturas e insolencias, não só contra mim, sinão tambem contra Sylvio Roméro e o preclaro Arthur Orlando.

A differença entre *mercantil* e *commercialista* é demasiado clara, para que eu a esclareça ainda mais. Até em direito commercial ella é patente. Só Franxeco, de cerebro oquissimo, não a conhece.

Quanto aos livros de Zola e á sua orientação em materia de critica literaria, disse eu a paginas 61 — 62 dos *Fragmentos*:

« A critica de Zola assumia, antes de tudo, um caracter de peleja, uma feição de lucta, uma face de polemica — peleja franca, lucta aberta, polemica desabusada. E' que com o critico andava sempre de parceria o lidador valente e intemerato. »

Franxeco, porém, que, além de cego, é analphabeto, não viu, nem leu isso.

Quem abrir o meu livro *Linhas de Critica*, ha de ver, á pagina 52, escripto correctamente o nome de Gustave Planche, bem como em qualquer um dos outros meus volumes anteriores aos *Fragmentos*, e tambem em artigos de imprensa, se verá graphado como deve ser o nome do conhecido scientista Henri Hennequim (com *m* final, e não *n*, como quer a cequeira franxeca).

Os meus *erros* de grammatica (alguns, evidentes *pasteis* typographicos) são, entre outros, estes, reputados mais graves:

1.º — não obstante *sejam* em vez de *serem*;

2.º — culminancias que lhes não *compete*, em logar de *competem*:

3.º — *azemula* por... (aqui, o zoilo não apresenta a substituição);

4.º — *enviu* por... (idem); e

5.º — acreditam *haverem* por *haver*.

A primeira expressão está correctissima. E' superfluo demonstral-o.

A segunda — a mesma cousa. O sujeito de *compete* é *galgarem*.

A terceira e quarta expressões não sei que censura soffreram além do grypho.

A quinta proposição tambem está impeccavelmente correcta. De facto, escrevi (*):

« ...acreditam *haverem dito* tudo... », isto é, « ...acreditam que disseram, ou têm dito, ou tinham ou *haviam dito* tudo... »

Mas, Franxeco é cego e analphabeto: não vê, nem lê essas cousas.

A inverdade, que me coagiu a traçar este artigo, consiste em dizer Franxeco haver Sylvio Romêro, á pag. 186 do seu livro *Martins Penna*, chamado a Theophilo Braga « um dos maiores criticos modernos ».

(*) *Fragmentos Literarios*, p. 201.

Vou provar a indignidade literaria desse asserto, a perversa inexactidão desse enunciado. Vou demonstrar que Franxeco mentiu quando se exprimiu por aquella fórma, literariamente deshonesta.

Com effeito, Sylvio Roméro nunca se referiu a Theophilo naquelles termos, nem no livro citado, nem em parte alguma.

E' certo que o grande polygrapho brasileiro, superior a mil theophilos reunidos, assim falou na pagina referida do livro apontado:

«Acreditamos, *com um dos maiores criticos modernos*, que o realismo e o idealismo não são, como erroneamente se tem andado a repetir, duas escolas ou dous systemas literarios e artisticos; são, antes, os dous polos entre os quaes se hão de mover fatalmente a literatura e a arte. Na mais realista das obras, portanto, ha sempre alguma cousa que a realidade só era incapaz de fornecer.»

E por ahi adeante vai o illustre Mestre.

Querem agora saber quem é aquelle critico moderno, que o abobalhado Franxeco diz ser o *sór* Braga?

Leiam estas linhas extrahidas da pag. 282, vol. IV, dos *E'tudes sur la littérature contemporaine*, do profundo Edmond Scherer:

«Nos distinctions entre l'idéalisme et le réalisme dans les arts sont fausses du moment qu'elles deviennent absolues. Il n'est pas de partisan si convaincu du choix, du type, du beau idéal, qui ne soit obligé de partir de la réalité. Et il n'est pas de réaliste si décidé à copier servilement la nature, qui ne triche plus ou moins et ne l'arrange en vue de l'effet. De sorte qu'ici, comme toujours, au lieu d'une question de principes, nous avons une simple question de plus ou moins. *Le réel et l'idéal sont les deux pôles entre lesquels se mouvent les arts, et vers l'un ou l'autre desquels chacun se sent attiré par ses préférences.*»

Scherer assim conceitúa em artigo consagrado a Charles Baudelaire.

Por ahi se vê inilludivelmente até que ponto póde descer a immoralidade de um misero rabiscador, que, expulso de Portugal por indigno, vive a emporcalhar a imprensa brasileira depois de o ter feito em sua gloriosa terra natal.

Outra calumnia levantada pelo renegado portuguez, e esta contra mim: asseverar que estou em desaccordo com Sylvio Romêro em relação a Taine.

No tocante á nossa breve e apparente discordia, já o eminente Mestre escreveu:

«No fundo, estamos de accordo; pois que o grande critico tinha as duas feições—a *psychologica* e a *social*, achando eu que elle mais insistia, em rigor, na primeira, e você, que elle destacava mais a segunda. Eis ahi tudo.»

E, agora, nem mais uma linha a quem, no Amazonas, segundo me affirmaram, já levou surras de rêlho *in partibus pudentibus*... (*)

Augusto Franco

Bello Horizonte (Minas), junho de 1904.

(*) Outro dia, um telegramma de Manáos para os jornaes do Rio dizia que o *jornalista* (!) Fran Paxeco havia *apanhado* de soldados da policia vestidos á paizana. Continuem a *surrar* o atrevidaço, e que lhes não dôam as mãos...

NOTA

Este livro é de propriedade exclusiva de Augusto Franco, que pede a quem sobre elle escrever alguma cousa o obsequio de lhe remetter dous exemplares do livro, revista ou jornal, onde o fizer.

Endereço:

Augusto Franco

Bello Horizonte — Minas (BRASIL)

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

01 820455

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 01 06 15 012 4